



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Daniela Salgueiro Varela

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
DESENVOLVIDO NA ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOAQUIM DE
CARVALHO JUNTO DA TURMA DO 7ºA NO ANO LETIVO 2018/2019**

“ESTUDO-CASO COMPARATIVO DAS DIMENSÕES E CATEGORIAS DO *FEEDBACK*
EM AULAS COM DIFERENTES FUNÇÕES DIDÁTICAS DO NÚCLEO DE ESTÁGIO
DE EDUCAÇÃO FÍSICA”

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS
BÁSICO E SECUNDÁRIO ORIENTADO PELO PROFESSOR DOUTOR LUÍS RAMA,
APRESENTADO À FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Setembro de 2019

Daniela Salgueiro Varela

2014213014

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
DESENVOLVIDO NA ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOAQUIM DE
CARVALHO JUNTO DA TURMA DO 7ºA NO ANO LETIVO
2018/2019**

“ESTUDO-CASO COMPARATIVO DAS DIMENSÕES E CATEGORIAS DO
FEEDBACK EM AULAS COM DIFERENTES FUNÇÕES DIDÁTICAS DO
NÚCLEO DE ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA”

Relatório de Estágio apresentado à
Faculdade de Ciências do Desporto e
Educação Física da Universidade de
Coimbra com vista à obtenção do Grau de
Mestre em Ensino de Educação Física nos
Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Prof. Doutor Luís Rama

COIMBRA, 2019

Esta obra deve ser citada como: VARELA, D. (2019). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Secundária Dr. Joaquim de Carvalho junto da Turma 7ªA no Ano Letivo 2018/2019*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO

Daniela Salgueiro Varela, aluno no 2014213014 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no artigo nº27-A, da secção V, do Regulamento Pedagógico da UC – Regulamento 321/2013, de 23 de agosto de 2013, alterado pelo Regulamento nº400/2019, de 6 de maio.

12 de setembro de 2019

(Daniela Salgueiro Varela)

AGRADECIMENTOS

Partilhamos a certeza que com a realização deste relatório de estágio permitiu-nos desenvolver o nosso percurso profissional ao longo do estágio pedagógico. Um longo caminho recheado de desafios, receios e inseguranças, mas que nos promoveu a descoberta e conhecimentos de outras realidades, o desenvolvimento das nossas competências e aptidões, ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo desta caminhada foi necessário muita dedicação, motivação e empenho. Terminando a última etapa académica da minha vida universitária, é tempo de reconhecer e de agradecer a todos aqueles que de uma forma, ou de outra, nos deram o seu contributo.

Aos meus pais, por toda a educação e valores inculcados, pelo companheirismo, apoio e confiança, pela determinação, motivação, carinho e amor demonstrado desde sempre, e ao longo destes últimos anos académicos, por me darem a oportunidade de realizar um sonho e mesmo longe de casa, estiveram sempre presentes em todas as vitórias e derrotas. Uma enorme gratidão que sinto por eles.

À minha irmã Karin, a minha melhor amiga. Uma força da natureza, pela sua determinação, coragem, força e superação. Pela força e segurança transmitida ao longo deste percurso académico. Por teres tido um papel crucial nesta caminhada, a ti te dedico esta vitória.

Ao meu orientador da faculdade, Professor Doutor Luís Rama, pela partilha de conhecimentos e experiências, por acreditar nas minhas competências e aptidões pedagógicas, pela tranquilidade e confiança transmitida ao longo do ano letivo.

Ao meu orientador da escola, Professor Joaquim Parracho, pelo companheirismo, pela sua boa disposição e sentido de humor, pela partilha de conhecimentos, peripécias e histórias. Pelas críticas construtivas e por acreditar nas minhas competências e aptidões pedagógicas ao longo do ano letivo.

Aos meus colegas do núcleo de estágio e aos professores do núcleo de Educação Física pela camaradagem, especialmente à Beatriz pelo ano que vivemos juntas, pela partilha de histórias, choros e gargalhadas, pela motivação, interajuda, carinho e amizade.

Aos meus amigos, Joana, José, Pedro, Márcia, e às Ritas, pela amizade, preocupação, motivação e entusiasmo, por estarem sempre presentes e dispostos a colaborar no que era preciso.

Ao meu Clube de Rugby e colegas de Equipa, por toda a força e coragem transmitida ao longo do ano, por me apoiarem, motivarem e incentivarem a alcançar as metas pretendidas. Em particular, à Joana, à Mara, Maria João e à Vera, pela partilha de experiências vivenciadas em anos letivos anteriores, de conhecimentos e referências. Foram uns Pilares ao longo deste percurso.

À minha turma, aos meus alunos. Pela colaboração, empenho, motivação, entusiasmo que permaneceram e que abrilhantaram os meus dias, as minhas aulas ao longo do ano letivo. Por ter sido a minha primeira turma, que me marcou de uma forma tão especial e notável.

A todos eles, um enorme OBRIGADA!

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”

(Cora Coralina)

RESUMO

O presente relatório retrata o resultado de uma reflexão e análise crítica sobre a nossa prática pedagógica no âmbito da Unidade Curricular do Estágio Pedagógico realizado na Escola Secundária Dr. Joaquim de Carvalho, na Figueira da Foz, no ano letivo de 2018/2019, junto da turma A do 7º ano de escolaridade, inserido no Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Durante o ano de Estágio Pedagógico desenvolvemos uma prática pedagógica, promovendo a transição de conhecimentos teóricos para uma prática em contexto escolar. Proporcionou-nos um progresso na formação de futuros Professores de Educação Física, colocando-nos na presença de um enquadramento real, de um processo pedagógico de ensino. O objetivo primordial deste relatório é refletir sobre a longa e intensa jornada pedagógica, mas recompensadora, da aquisição de conhecimentos e conteúdos na prática de ensino. Na primeira parte do relatório é descrita a contextualização da prática desenvolvida, e reflectida a prática pedagógica das outras áreas de avaliação. Relativamente à segunda parte do relatório de estágio, esta destina-se ao aprofundamento do tema-problema. É um estudo desenvolvido mediante a comparação das dimensões e categorias do *feedback* em aulas com diferentes funções didáticas do núcleo de estágio. A escolha deste estudo resultou de uma reflexão prudente perante a prática pedagógica centrada na utilização à temática do *feedback*. O objetivo deste estudo é avaliar a qualidade e quantidade do *feedback*, produzido pelos Professores Estagiários de Educação Física, na unidade didática de Voleibol, em aulas de funções didáticas diferentes.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico. Educação Física. *Feedback*. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The present report shows the result of a reflection and a critical analysis about our pedagogical practice in the context of the Curricular Unit the Teach Training accomplished at the Escola Secundária Dr. Joaquim de Carvalho, in Figueira da Foz at the school year 2018/2019, with the class A of the 7th grade, inserted in the master's degree in Physical Education teaching of Basic and Secondary Education by Science of Sport and Physical Education school of the University of Coimbra. During the Teach Training year we developed a pedagogical practice, promoting the transition of theoretical knowledge for a practice in school context. This provided us with progress for future Physical Education Teachers, putting us in the attendance of a real context in a pedagogical process of teaching. The first objective of this report is the reflection about the long, intense and also satisfying pedagogical journey of the acquisition of knowledge and content at the practice of teaching. In the first part of the report is described the contextualization of the developed practice, and the reflection of the pedagogical practice of the other assessment areas. The second part of this report is dedicated to the main theme problem. It is a study done by the comparison of the dimensions and categories of the feedback in classes with different didactic chore functions. The choice of this study resulted in a carefully reflection on the pedagogical practice focused on the use of feedback. The goal of this study is to evaluate the quality and quantity of the feedback, produced by the Physical Education intern teachers, in the didactic Volleyball unit, in classes of different didactic functions.

Keywords: *Teach training. Physical Education. Feedback. Pedagogical Practice*

LISTA DE ABREVIATURAS

MEEFEBS - Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

PE - Professores Estagiários

EF- Educação Física

ESJCFF - Escola Secundária Dr. Joaquim de Carvalho, localizada na Figueira da Foz

DT – Diretora de Turma

PNEF - Programa Nacional de Educação Física

UD – Unidade Didática

FB – *Feedbacks*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPITULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA	2
1. ENQUADRAMENTO PESSOAL.....	2
1.1 As nossas Motivações e o nosso Percurso.....	2
1.2 Expectativas Iniciais em Relação ao Ano de Estágio	3
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA	6
2.1 Caracterização da Escola.....	6
2.2 Caracterização do Grupo de Educação Física.....	8
2.3 Caracterização da Turma.....	9
CAPITULO II – ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	10
1. PLANEAMENTO.....	11
1.1 Plano de Anual.....	12
1.2 Unidades Didáticas	13
1.3 Planos de Aula	16
2. REALIZAÇÃO	18
2.1 Instrução.....	19
2.2 Gestão.....	20
2.3 Clima / Disciplina	22
2.4 Decisões de Ajustamento	23
3. AVALIAÇÃO.....	24
3.1 Avaliação Formativa Inicial	25
3.2 Avaliação Formativa.....	26
3.2 Avaliação Sumativa	27
4. COADJUVACÃO NO ENSINO SECUNDÁRIO.....	29
4.1 O 11º ano a Placar	29
5. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO ESCOLAR.....	32
6. PROJETOS E PARCERIAS EDUCATIVAS	33
7. COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS	36
8. ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL	38
CAPITULO III – APROFUNDAMENTO DO TEMA-PROBLEMA	40
1. APRESENTAÇÃO DO TEMA-PROBLEMA.....	40
2. REVISÃO DA LITERATURA	40

3. OBJECTIVO.....	42
3.1 Objetivo específico	43
4. METEDOLOGIA.....	43
4.1 Amostra	43
4.2 Instrumentos e Procedimentos	43
5. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DA DISCUSSÃO DE RESULTADOS	44
5.1 Apresentação do número e percentagem total de <i>feedbacks</i> emitidos pelos dois Professores Estagiários durante as aulas observadas da UD de Voleibol.....	44
5.2 Apresentação do número e percentagem total de <i>feedbacks</i> emitidos pelos dois Professores Estagiários distribuídos pelas dimensões e categorias nas aulas com diferentes funções didáticas.	45
5.2.1 Dimensão Objetivo	45
5.2.2 Dimensão Forma.....	46
5.2.3 Dimensão Direção.....	47
6. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO	48
7. LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	51
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXOS	55

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – <i>Número e percentagem total de feedbacks dos Professores Estagiários em cada aula</i>	44
Tabela 2 – <i>Número e percentagem total de feedbacks dos Professores Estagiários em cada aula na dimensão objetivo e respetivas categorias com funções didáticas diferentes</i>	45
Tabela 3 - <i>Número e percentagem total de feedbacks dos Professores Estagiários em cada aula na dimensão forma e respetivas categorias com funções didáticas diferentes</i>	46
Tabela 4 – <i>Número e percentagem total de feedbacks dos Professores Estagiários em cada aula na dimensão direção e respetivas categorias com funções didáticas diferentes</i>	47

INTRODUÇÃO

No âmbito da Unidade Curricular de Estágio Pedagógico, inserida no plano de estudos do 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS) pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, que decorreu na Escola Secundária Dr. Joaquim de Carvalho da Figueira da Foz no ano letivo de 2018/2019, junto da turma do 7º ano de escolaridade, orientada pelo Professor Joaquim Parracho e com a supervisão do Professor Doutor Luís Rama, desenvolve-se o respetivo Relatório de Estágio como componente de avaliação desta Unidade Curricular.

“O Estágio Pedagógico permite uma primeira aproximação à prática profissional e promove a aquisição de um saber, de um saber fazer e de um saber julgar as consequências das ações didáticas e pedagógicas desenvolvidas no quotidiano profissional”(Freire, 2001).

Através deste pensamento ergue-se o momento de conduzirmos à prática todos os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos nos anos letivos da Licenciatura e do 1º ano de MEEFEBS a uma realidade de contexto escolar que é bem mais enigmática. Leva a um procedimento constituído por capacidades e competências, para realizarmos a transição de uma realidade exequível baseada nas aprendizagens adquiridas em contexto de sala de aula para uma prática fundamentada. Assim sendo, é da nossa responsabilidade como Professores Estagiários (PE), todas as decisões tomadas relativamente ao processo de ensino aprendizagem, bem como o reconhecimento das dificuldades educativas e a busca de recursos para essas mesmas dificuldades.

O presente Relatório espelha uma reflexão crítica sobre a formação do Professor Estagiário, objectivando o seu desenvolvimento na profissão. A análise crítica das várias áreas é apoiada por pensamentos construídos em pressupostos científicos e pedagógicos, que são engraçados com o compartilhar de experiências vividas dentro e fora do contexto da atividade profissional que influenciaram de um certo modo a medidas tomadas ao longo do ano letivo.

CAPITULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

1. ENQUADRAMENTO PESSOAL

1.1 As nossas Motivações e o nosso Percurso

Começamos este capítulo por recuar no tempo e perceber quando é que começou a nossa primeira relação com o desporto.

O primeiro contacto com o desporto apareceu aos seis anos de idade, quando os nossos pais nos inscreveram na natação. Durante alguns anos foi a nossa modalidade de selecção até à chegada ao 2º ciclo. Durante esse ano letivo, a motivação, o interesse e o fascínio engrandeceu-se pelo Futebol. A participação no Desporto Escolar em representação desta modalidade foi assídua. Embora naquela altura fosse uma modalidade com poucos apoios, recursos financeiros e espaciais para criar uma equipa feminina federada, a nosso percurso “futebolístico” não ficaria por aqui. Em colaboração com um clube amador, foi-nos possível participar em alguns torneios e até mesmo realizarmos jogos mistos. Paralelamente ao Futebol, a paixão dividiu-se também pelo basquetebol, modalidade pela qual viríamos a jogar a nível federado.

Com a entrada no ensino secundário, numa cidade e numa escola diferente, tinha chegado o momento de ingressarmos numa equipa de futebol feminino federada. Um clube que nos abriu portas para um futuro ambicioso e que nos levou aos relvados nacionais durante três épocas.

O gosto pelo desporto progrediu e já em contexto escolar, frequentámos o Curso Tecnológico de Desporto, onde tivemos a oportunidade de estagiar no último ano letivo com Professores de Educação Física (EF) e de Atividade Física e Desportiva com alunos do 1º ciclo, que tiveram um papel fulcral na motivação e no gosto de sermos futuros Professores de EF.

Um pouco antes de entrarmos na Universidade, realizámos um Curso de Especialização Tecnológica em Animação Desportiva. Teve a duração de dois semestres letivos e contribuiu para adquirir conhecimentos teóricos e práticos relativamente à prática de diversas modalidades desportivas, bem como a organização de eventos, torneios e fóruns desportivos. Ainda neste período letivo, tivemos o

privilégio de jogar e representar um clube durante uma época, e auxiliar como treinadores adjuntos uma equipa dos escalões de formação.

Chegando o momento da entrada na Universidade, no curso que sempre ambicionamos, Curso de Ciências do Desporto, começava então a aprendizagem da teórica e prática envolvendo o entusiasmo e o prazer de aprender, de aprender a ensinar e de ensinar. Possibilitou-nos e permitiu-nos aprofundar os nossos conhecimentos na área do desporto, bem como o aperfeiçoamento das nossas capacidades criativas e de desenvolvimento de metodologias.

Sermos Professores de EF foi sempre algo que desejámos. Para a realização deste “sonho”, seguimos o MEEFEBS. As experiências que a Faculdade nos proporcionou, não só as observações de aulas mas também as portas que nos abriram para o desporto, aumentou o nosso desejo por ensinar, transmitir conhecimentos. Fez-nos sentir completos, e é algo que consideramos que foi extremamente enriquecedor para o aperfeiçoamento da capacidade de transmissão de conteúdos.

Uma das razões que engradeceu a vontade de sermos Professores é que para além de atletas, sermos treinadores de um escalão de formação de rugby. Esta tarefa permitiu-nos interagir com crianças e jovens, ajudá-las na coordenação motora, a ensiná-las a respeitarem-se e a interagirem umas com as outras, a inculcar o espírito de equipa, de camaradagem entre outras competências a nível interpessoal e no domínio do “saber ser” para os tornar melhores cidadãos e capazes de viver em sociedade.

1.2 Expectativas Iniciais em Relação ao Ano de Estágio

Depois de um vasto percurso académico, avistava-se o período que para nós seria o mais importante de todos, o EP. Chegaria a altura de deixarmos de ser alunos e darmos início à prática docente.

No decorrer do ano letivo 2018/2019, iríamos desenvolver competências ao nível da comunicação, organização e desenvolvimento de estratégias de ensino e aprendizagem, e para tal pretendíamos favorecer a integração dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo dos quatro anos de formação inicial, através de

uma prática docente em situação real e orientada de forma a profissionalizarmos enquanto Professores de EF competentes e adequadamente preparados para a Profissão.

Enquanto PE, ao longo deste EP, pretendíamos ser capazes de adequar as nossas estratégias e estilos de ensino na nossa turma. Transmitir a informação clara, compreensiva e de qualidade, para que os alunos adquirissem o conhecimento das matérias lecionadas e promovessem o gosto pelo desporto e pela prática da actividade física.

Relativamente à planificação das aulas e o decorrer das mesmas, gostaríamos de manter o controlo da turma, sermos organizados na gestão do tempo da aula, rentabilizarmos o tempo da mesma e conseguirmos transmitir o conhecimento de cada matéria de ensino, de forma clara e concisa.

Desejávamos adquirir um leque de capacidades e aprendizagens através da reflexão do nosso trabalho, da observação das aulas, do *feedback* dos nossos orientadores e dos nossos colegas do Núcleo de Estágio.

Era difícil não pensar nas incertezas, nos medos, nos receios e nas inseguranças, relativamente à nossa capacidade de aplicar todos os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo dos quatro anos de formação inicial, assim como a nossa integração e adaptação na comunidade escolar e o modo de determinar a relação com os alunos.

O EP era a última etapa académica, de formação ampla em regime de supervisão pedagógica que nos possibilitava a relação com todas as questões implícitas ao profissional de EF.

Numa primeira fase do EP foram inúmeras as expectativas iniciais. As maiores expectativas e objetivos foram a concretização da adaptação das tarefas às verdadeiras capacidades dos alunos e à aplicação de múltiplas estratégias que os levassem a experienciar momentos de sucesso, para que pudessem adquirir capacidades ou aptidões para um futuro próximo.

Toda a parte teórica e prática retida anteriormente, poderia não alcançar todas as respostas às situações práticas em contexto real. Desde a formação inicial, os conhecimentos adquiridos, eram pertinentes sobre o que lecionar, contudo não era suficiente dominar o conteúdo por si só. Era fulcral demonstrar na prática, na

continuidade de delinear e sistematizar as situações de aprendizagem, observando as adversidades dos alunos que não eram as mesmas em todos.

No meio das várias expectativas, ergue-se a questão da Escola, pelo que considerámos de máxima importância as relações socioafetivas e profissionais definidas e desenvolvidas pela mesma para o nosso progresso e êxito profissional. Inseridos na comunidade escolar e envolvidos por todo o ambiente da mesma, pretendíamos conhecer e analisar todo o funcionamento e logística interna bem como as suas respetivas funções.

O EP, para além de nos proporcionar a primeira ligação com o contexto real de sermos Professores de EF, seria também uma oportunidade única de trabalharmos e colaborarmos com um núcleo de professores experientes, com diferentes práticas e metodologias.

A partir daqui, surgia a curiosidade de conhecermos o nosso Orientador da Escola, um Professor que nos iria facilitar o ingresso na escola e orientar todo o estágio através do método de supervisão pedagógica. Alguém de quem esperávamos a maior ajuda nas situações mais complexas e decisivas que seguramente iríamos encontrar ao longo deste vasto percurso e que desempenharia uma função predominante na nossa adaptação no meio escolar, não só pela explicação da dinâmica e organização interna de todo o processo ensino-aprendizagem, bem como o conhecimento dos diversos membros da comunidade escolar.

Em relação à escola, optámos por sair da nossa zona de conforto, a cidade de Coimbra que nos acolheu durante quatro anos letivos. Decidimos realizar o último ano académico, o ano mais importante, numa cidade mais calma e tranquila, Figueira da Foz. As referências relativamente à escola eram óptimas, esperávamos que correspondessem às nossas expectativas.

Sobre o nosso desempenho ao longo do EP, objectivávamos alcançar o nível de mestria nos diversos critérios gerais de avaliação, depois de um longo percurso de aprendizagem.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

2.1 Caracterização da Escola

A prática do EP realizou-se na Escola Secundária Dr. Joaquim de Carvalho, localizada na Figueira da Foz (ESJCFF), uma cidade do distrito de Coimbra. A Escola adotou como patrono, o Figueirense Joaquim de Carvalho (1892-1958) no domínio da educação e da cultura. Este alcançou grande projeção nacional como um excelente historiador de ideias, em particular da ciência e dos pensadores portugueses. Um dos seus projetos era justamente o de escrever a História da Filosofia em Portugal.

Com a finalidade de proporcionar uma educação coletiva, foi imprescindível o conhecimento concreto de toda a comunidade escolar, para coordenar um currículo apropriado às necessidades pessoais e sociais de todos os alunos. Deste modo, no presente ano letivo, a escola era composta por 1309 indivíduos, dos quais 421 alunos eram do 3º ciclo do ensino básico, 690 do ensino secundário e 56 do ensino profissional.

Relativamente à docência eram 107 professores, dos quais 9 professores constituíam o Grupo de Professores de Educação Física, 2 Técnicas de Ensino Superior (Psicóloga e Assistente Social), 9 Assistentes técnicos e 24 Assistentes operacionais. As atividades letivas decorriam de 2.ª a 6.ª feira, das 08h25 às 17h55.

Em relação à oferta formativa, a Escola tinha diferentes Cursos do Ensino Secundário, dos quais Ciências e Tecnologias, Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais. No que toca a cursos profissionais, a escola dispunha de cursos no âmbito da Informática e da Multimédia, o Curso de Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos, Técnico de Informática – Instalação e Gestão de Redes, Técnico de Informática – Sistemas, e Técnico de Multimédia. Dos Cursos Profissionais referidos anteriormente, apenas o Curso de Técnico de Informática – Sistemas decorreu no presente ano letivo.

Quanto ao espaço físico da Escola, após a obra de requalificação da qual foi beneficiada, os três corpos que constituíam a mesma interligaram-se, podendo, contudo, distinguir-se áreas bem definidas. É de notar que se tratava de uma escola sem barreiras, por dispor de um elevador centralizado e instalações sanitárias adequadas a pessoas com

mobilidade reduzida. Além disso, todas as salas de aulas tinham ligação à internet, havendo rede sem fios em todo o edifício.

Para a realização das aulas de EF estavam disponíveis variados espaços desportivos. O Pavilhão Gimnodesportivo era capacitado com os tamanhos oficiais e devidas marcações (linhas) para as modalidades: Futsal, Basquetebol, Andebol, Voleibol e Badminton. Para uma melhor rentabilização dos espaços, o Departamento de Educação Física dividiu o Pavilhão Gimnodesportivo em três partes, estando estas separadas por cortinas brancas, denominando cada espaço como “Ginásio 1”, “Ginásio 2” e “Ginásio 3”.

No exterior da Escola, havia dois espaços, ambos com dimensões e as marcações para as modalidades de Basquetebol e Futsal. Ainda no mesmo espaço, encontrava-se uma pista de Atletismo e respetiva caixa de areia. A Escola tinha também o Estádio Municipal José Bento Pessoa, que era constituído por dois campos sintéticos oficiais, um de Futebol de 11 e outro de Futebol de 7. Ainda existia um auditório amplo, como meio alternativo no caso de necessidade derivado a questões climatéricas de outros espaços escolares.

Relativamente ao Desporto Escolar encontrava-se dividido em atividades internas e externas. As atividades internas eram compostas pelo Corta-Mato, Mega Sprint, FitEscola e pelo Encontro de Ginástica Acrobática (dirigido aos alunos do 11º e do 12º ano). As atividades externas eram constituídas pelo Badminton, pela Ginástica Artística e pelo *Surfing*.

Considerando os espaços disponíveis na Escola era viável abordarmos uma vasta quantidade de modalidades desportivas, designadamente o Atletismo, a Ginástica Artística, Acrobática e de Aparelhos, o Badminton, a Patinagem, o Andebol, o Basquetebol, o Futebol, o Voleibol, o Rugby, a Dança, entre outras alternativas inseridas no PNEF.

Averiguámos sem margens para dúvidas, que a ESJCFF reunia excelentes condições para a prática das diversas modalidades, existindo ainda a oportunidade e flexibilidade de usarmos todos os materiais disponíveis em outros espaços com a devida autorização da Coordenadora do Núcleo de EF e do Orientador de Estágio da Escola.

2.2 Caracterização do Grupo de Educação Física

O Grupo de EF da ESJCFFE era constituído por 13 Professores, todos eles derivados de contextos desportivos heterogéneos, sendo que 4 integravam o Núcleo de Estágio.

Os primeiros encargos em parceria com o Grupo de EF consistiram na organização, divulgação e discussão de resultados do FitEscola. Derivado a falhas informáticas, não foi possível a realização da avaliação e discussão de resultados, relativos com o acesso ao portal do FitEscola.

Todos os Professores do Grupo de EF deparavam-se a lecionar na mesma escola já há alguns anos. Todos estes anos, em parceria, reflectia-se na estruturação de algumas finalidades e metodologias em comum.

A relação entre todos os Professores era bastante harmoniosa e espontânea. Existia vários diálogos, reuniões semanais em prol das práticas pedagógicas pertencentes ao ensino. Era notável que era um grupo dinâmico.

O Grupo de EF demonstrou desde o primeiro contacto com o Núcleo de Estágio, uma grande empatia e afinidade. Mostrou-se prestável e atento, auxiliando-nos em tudo o que nós necessitávamos, desde a requisição de materiais específicos, até ao planeamento, condução, avaliação, e o processo de ensino-aprendizagem das práticas desportivas.

Uma outra particularidade notável foi a colaboração e cooperação que tiveram connosco relativamente à observação de aulas dos Professores. Em diversos momentos fomos convidados a intervir e a participar na aula espontaneamente, colocando à prova a nossa capacidade de improviso e o domínio dos conteúdos programáticos. Enaltecendo ainda, a cooperação e participação por parte do Grupo de EF na organização e realização dos projetos educativos no meio escolar.

Desta forma, acreditámos que todas as conversas, reuniões, troca de ideias e experiências vivenciadas no contexto escolar, com o Grupo de EF, sobre as várias questões específicas ao processo de ensino-aprendizagem foram uma mais-valia para o Núcleo de Estágio.

2.3 Caracterização da Turma

As informações que se seguem foram adquiridas por meio de um questionário individual entregue no início do ano letivo 2018/2019 à turma do 7ºA, pela Diretora de Turma (DT). Deste modo, e para nos facilitar o conhecimento da turma, a DT facultou-nos os dados recolhidos do questionário, concedendo-nos a análise dos dados.

Sendo assim, foi-nos possível averiguar que a turma do 7ºA era constituída por 20 alunos, dos quais 14 era do sexo feminino e 6 do sexo masculino, com a média de idades de 12 anos e todos residentes no distrito da Figueira da Foz.

No que concerne ao grau de parentesco dos Encarregados de Educação, estes eram na maioria a Mãe e dois casos excepcionais era o Pai que desempenhava este dever.

Ao considerarmos as relações familiares primordiais para um progresso psicológico e efetivo sólido e benéfico dos alunos, acreditamos relevante mencionar que o agregado familiar destes evidenciava os protótipos habituais, ou seja, pais e filhos, que predominantemente o estado civil era “casado (a)”, verificando-se 5 situações de os pais serem divorciados.

No ano letivo transacto, a maioria dos alunos frequentou a Escola Ensino Básico 2º e 3º Ciclos Dr. João de Barros, existindo uma aluna repetente no 7ºano de escolaridade, na presente Escola, e ainda outro caso, de uma aluna que veio de Santa Cruz da Praia da Vitória, Açores. Ainda que a maioria dos alunos frequentou a mesma escola no 2º e 3º ciclo, incluindo alguns que já se conheciam desde a infância, muitos deles descendiam de turmas opostas e vivenciaram o processo de moldagem social com os atuais colegas de turma.

O interesse, a motivação, o empenho e o trabalho da turma no processo de ensino-aprendizagem das diferentes disciplinas era muito bom. Todos os alunos reconheceram a ambição de realizar um curso superior e a importância de manter o empenho, o estudo regular e trabalho constante, tornando-se os encarregados de educação os agentes de ensino fora do contexto escolar.

Através das particularidades da turma, era possível advir um processo de ensino-aprendizagem mais facilitado, pois eram alunos empenhados e motivados na prática,

demonstravam interesse e curiosidade. Apesar de existirem três alunos com Necessidades Educativas Especiais, apoiados por um Programa Educativo Individual, um de hiperatividade e dois de défice cognitivo, não foi necessário realizar uma adaptação ao plano de aula ou inserir outras metodologias em prol da superação das dificuldades sentidas por estes.

Sobre a EF e a prática de Atividades Desportivas, mais de metade da turma praticou ou praticava um desporto federado. As modalidades predilectas que efectuaram ou efectuavam passavam pela Dança, Ginástica Artística, Natação, Ténis de Mesa, Futebol, Basquetebol e *Bodyboard*.

Refletimos sobre a mais-valia da presença de alunos na turma com eclécticas aptidões e competências sobre os diversos âmbitos desportivos, já que cooperariam com o Professor na parte prática das aulas.

Da nossa ótica, acreditávamos num ambiente harmonioso e afável nas aulas de EF, tal como no domínio sócio efectivo, cognitivo e psicomotor.

CAPITULO II – ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

“ A reflexão não é um conjunto de técnicas que possam ser empacotadas e ensinadas aos professores, não consiste num conjunto de passos ou procedimentos específicos. Ser reflexivo é uma maneira de ser professor.” Zeichner (1993)

A reflexão é uma prática adicional ao conjunto de atitudes, realizações, procedimentos e intervenções dos Professores. Por conseguinte, ergue-se neste capítulo do Relatório de Estágio, uma análise reflexiva e crítica sobre a Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem, sobre os Projetos e Parcerias Educativas e as Atitudes Ético-Profissionais.

No decorrer do EP assumimos uma conduta crítica e reflexiva permanentemente, associada ao trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Estágio. Ainda sobre este ponto, também as críticas construtivas do nosso Orientador da Escola, foram cruciais. Como salienta (Bento, 1987, p.165), “a autocrítica é difícil. Por isso é aconselhável a participação de outros”.

1. PLANEAMENTO

“O programa de ensino numa dada disciplina assume quase um “carácter de lei” e possui o lugar central no conjunto dos documentos para o planeamento e preparação directa do ensino pelo professor. É complementado e interpretado por uma série de documentos e materiais auxiliares que ajudam o professor a concretizar e adaptar as exigências centrais às condições locais e situacionais da escola e da turma.”

(Bento, 1987, p.19).

O planeamento pretende delinear linhas orientadoras para a ação pedagógica e definir objectivos. A realização é conduzida pelo processo de ensino, pelo meio da instrução, da gestão, clima e disciplina, pelas decisões de ajustamento e pela avaliação. Possibilita a estruturação do processo ensino-aprendizagem e a averiguação da apreensão ou não, dos conteúdos programáticos. Neste alinhamento, e de maneira a aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, “ o professor deverá realizar uma reflexão prévia, focalizada nas seguintes questões: O que escolhi? Para quem vou ensinar? Como vou ensinar? O que vou ensinar? E como sei se houve aprendizagem?” (Vilar, 1998).

Posto isto, para a preparação do trabalho desenvolvido com a turma, tivemos como sustentação a organização do trabalho desenvolvido anualmente, plano anual, assim como as unidades de planificação do processo pedagógico, as unidades didácticas, que serviram de base para a elaboração de fatores que determinaram as aulas de EF desenvolvidos no Plano de Aula.

1.1 Plano de Anual

“ A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como as reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo. Um plano exequível, didaticamente exacto e rigoroso, que oriente para o essencial com base nas indicações programáticas e em análises de situação na turma e na escola, ”
(Bento, 1987, p.58).

A realização do plano anual foi um dos primeiros encargos a ser desenvolvido pelos professores, essencialmente pelo Núcleo de Estágio, pela necessidade de orientar o processo de ensino ao longo do ano através do estabelecimento de metas, de acordo com as orientações do Grupo de EF e o Programa Nacional de EF. De acordo está (Bento, 1987, p.52), que diz que é um plano de perspectiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas.

Um dos principais elementos integrantes no plano anual é a definição e contextualização das particularidades do meio envolvente, a escola e a turma, de maneira a facilitar o conhecimento dos hábitos e costumes de cada aluno, possibilitando a ação entre o docente e o discente. Além disto, procurar garantir um processo coeso e estruturado, por entre a explicação dos objetivos gerais e específicos para a turma, em elegeer as matérias e os conteúdos a instruir ao longo do ano letivo e determinar os momentos e metodologias de avaliação formativa inicial, formativa e final.

Para a realização do plano anual, foram estudados os Programas Nacionais de Educação Física (PNEF), as Aprendizagens Essenciais, os Critérios de Avaliação acordados ao nível da escola, as competências da disciplina de EF para o 3º ciclo, e por fim, informações sobre a caracterização da turma.

Para a distribuição das aulas pelas diversas Unidades Didáticas (UD), foi preciso realizar a calendarização do ano letivo. Efectuou-se a divisão do número de aulas pelas UD, considerando as limitações sobre a gestão dos espaços do Grupo de EF.

A rotação dos espaços, o sistema de avaliação e as fichas individuais dos alunos foram realizados pelo Núcleo de Professores de EF. O Núcleo de Estágio

responsabilizou-se pela enumeração dos recursos espaciais e materiais, temáticas importantes para a seleção de tarefas viáveis dos diferentes conteúdos programáticos.

Recorremos à análise do PNEF, um documento que foi a base para a orientação das finalidades da EF nos diferentes níveis de ensino e matérias. Porém, este documento atuou como um guia do processo, pois enquanto Professores a nossa função foi ajustar estes objetivos às habilidades dos nossos alunos, alicerçando-nos todavia no progresso dos mesmos.

Ao longo do ano letivo desenvolvemos seis matérias, no 1º Período o Atletismo e o Basquetebol, no 2º Período a Ginástica Artística, a Patinagem e o Badminton e no 3º Período o Voleibol.

Realizou-se uma avaliação inicial em todas as UD, com o objetivo de apurar as competências e aptidões dos alunos em cada uma delas, facilitando uma definição de estratégias de ensino apropriadas a aplicar, atendendo à realização dos objetivos anteriormente definidos.

Em suma, refletimos que o plano anual embora fosse funcional e exequível, era um documento que estava sujeito a sofrer modificações no decorrer do ano letivo, pois “para um ensino eficiente são necessárias reflexões estratégicas, balizadoras da ação durante todo um ano escolar” como refere (Bento, 1987, p57).

1.2 Unidades Didáticas

“As unidades temáticas ou didáticas ou ainda de matéria são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem” (Bento, 1987, p.65).

Deste modo, as UD realizaram-se com base nas diretrizes do plano anual, sendo uma planificação a médio prazo do processo de ensino-aprendizagem, atendendo às matérias de ensino definidas para a turma em causa.

As UD favoreceram o trabalho educativo, permitindo a orientação e realização da prática do Professor na sua intervenção pedagógica. De acordo está “ (Bento, 1987,

p.65), que firma que as unidades de matéria e de ensino são planificadas pelo professor no processo global da organização do seu ensino, servindo de base para a preparação das diferentes aulas.”

As UD foram realizadas para cada uma das matérias leccionadas. Todas elas constituídas por uma parte histórica, caracterização e classificação, regulamentos, objetivos, recursos (espaciais, temporais e materiais), conteúdos programáticos, extensão e sequência de conteúdos, estratégias de ensino, estilos de ensino, progressões pedagógicas de ensino-aprendizagem, avaliação e balanço final da matéria leccionada. Seguindo a estrutura acima mencionada, as UD cumpridas durante o decorrer do ano letivo foram: Atletismo, Basquetebol, Ginástica Artística, Patinagem, Badminton e Voleibol.

Para a realização das UD, sustentamo-nos nos objetivos que foram estabelecidos pelo Núcleo de Professores de EF para os diferentes ciclos de escolaridade e para as diversas matérias. Com base no PNEF, e nos três níveis de aprendizagem, nível introdutório, elementar e avançado, reunimos os dados fundamentais para o processo ensino-aprendizagem, isto é, definimos a necessidade da prática pedagógica de maneira a alcançar os objetivos estabelecidos para os domínios da avaliação, domínio sócio-afetivo, cognitivo, e psicomotor, de cada matéria, perante os resultados da avaliação formativa inicial.

O conhecimento da acessibilidade aos diferentes recursos espaciais e materiais foram aspectos fulcrais, assim como a rotatividade dos espaços físicos, na realização da extensão e sequência de conteúdos. Ou seja, o número de aulas previstas e referente divisão dos conteúdos programáticos pelo período de tempo das mesmas, a metodologia da prática pedagógica, assim como as diferentes fases de avaliação, formativa inicial, formativa e sumativa, foram dados imprescindíveis para o desenvolvimento e realização das UD.

Como argumenta (Bento, 1987, p.65) “é na unidade didática que reside precisamente o cerne do trabalho criativo do professor. Em torno da unidade didática decorre a maior parte da actividade de planeamento e de docência do professor”. Salienta ainda, que “para o trabalho do professor de educação física o plano da unidade didática constitui o nível fundamental de planeamento do ensino. Devem ser

apresentados, de forma concreta, palpável e explícita, os objetivos e a matéria para um espaço temporal” de modo a melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Apesar de uma breve organização e planificação das diferentes UD, estávamos cientes que em qualquer momento estas iriam sofrer alterações e ajustamentos. No decorrer do ano letivo, todas as matérias das UD sofreram alterações e ajustes na extensão e sequência de conteúdos, nomeadamente a UD de Atletismo devido à participação da turma em actividades extracurriculares e pelo encerramento da Escola durante alguns dias, devido aos danos causados por fatores ambientais. A UD de Ginástica Artística também foi das que mais sofreu modificações devido às dificuldades sentidas por parte dos alunos na realização de alguns elementos gímnicos. Na realização do rolamento à retaguarda e o apoio facial invertido, a turma denotava maior dificuldade. Decidimos alargar o tempo de exercitação, acrescer e diversificar as progressões de ensino-aprendizagem, de modo a melhorar e a superar as dificuldades dos alunos, para que conseguissem realizar os elementos gímnicos corretamente. No apoio facial invertido, utilizámos o espaldar e no rolamento à retaguarda um trampolim de *reuter*.

No fim da prática pedagógica de cada UD, era fundamental a concretização de um balanço final, para verificarmos se os resultados alcançados posteriormente à avaliação sumativa iam ao encontro dos objetivos perspectivados inicialmente, e se superavam ou mantinham os resultados e informações recolhidas da avaliação inicial.

Com a análise da UD, refletimos sobre as estratégias de ensino, as progressões de ensino-aprendizagem, os ajustamentos e decisões tomadas, de maneira a analisar e a perceber todo o processo de ensino aprendizagem. Este método possibilitava uma adequação, se necessário, no ensino para promover uma aprendizagem de maneira eficiente. Como alega (Bento, 1987, p.67) “Um planeamento adequado das unidades didáticas tem que ser algo mais do que a distribuição da matéria pelas diversas aulas, tem que ser a base para uma elevada qualidade e eficácia do processo real de ensino”.

1.3 Planos de Aula

“O Plano contém a organização das situações de aprendizagem de um modo coerente, incorpora as decisões tomadas tendo em conta os alunos e a matéria de ensino com as suas potencialidades educativas, no cumprimento das exigências didático metodológicas fundamentais: atribuir grande importância à assimilação e à consolidação; conceder espaço suficiente à exercitação; manter um elevado grau de activação dos alunos; concentração no essencial de cada aula e respeitar a individualidade do aluno.” (Matos, 1992, p.26).

O modelo do Plano de Aula utilizado no decorrer do ano letivo foi adotado do 1º ano do MEEFEBS, com a aprovação do Professor Orientador da Escola. Considerámos que era um modelo exemplar e respeitava os parâmetros do Guia Orientador do Estágio Pedagógico.

O Plano de Aula organizou-se num sistema tripartido, “assim como todas as formas de ensino ou de exercitação em desporto e como qualquer outra sessão de ensino racionalmente organizada, estrutura-se normalmente em três partes: parte preparatória, parte principal e parte final, como afirma” (Bento, 1987, p.130). Dividia-se em parte inicial, fundamental e final da aula.

Posto isto, o Plano de Aula organizava-se em três partes distintas. A primeira parte do plano de aula era composta pelo cabeçalho, onde estava inserido o nome do professor responsável, a data e a hora da aula, o ano de escolaridade e a turma, o período letivo, o local e espaço de aula, o número e duração da aula, a UD, o número de alunos previstos e dispensados, a função didática, recursos materiais e os objetivos da aula.

Na segunda parte do plano, dividido em quatro colunas, abrangia o tempo parcial e total da aula, os objetivos específicos da aula, a descrição e organização das tarefas e por fim, as componentes críticas e critérios de êxito.

A última parte do plano de aula destinava-se à fundamentação, ou seja, à justificação dos exercícios escolhidos, das estratégias de ensino utilizadas e a metodologia do processo de ensino-aprendizagem.

A particularidade do plano de aula fundamenta-se pela sua concordância com a extensão e sequência de conteúdos a ensinar, com a realização das UD, de modo a assegurar o desenvolvimento pedagógico. Pois, o encadeamento de conteúdos pré-definidos não é claro, sendo ou não ajustado, mediante o progresso dos alunos. Deste modo, na elaboração dos planos de aula, existiu um cuidado pormenorizado na escolha das tarefas e estratégias de ensino, de forma a solucionar necessidades expressas pelos alunos em aulas anteriores.

Neste contexto, na parte inicial da aula sucedia-se à instrução inicial, abrangendo a organização da turma e controlo da assiduidade, explicação dos conteúdos programáticos e objetivos da aula, de modo a “ a despertar a disponibilidade dos alunos para a aprendizagem e exercitação, de os preparar psicologicamente para assumirem as tarefas da aula, de adaptar funcionalmente o seu organismo às cargas seguintes”, como refere (Bento, 1987, p.132).

“Uma das tarefas mais importantes do professor, no início da aula, é a comunicação aos alunos dos objetivos e actividades que nela se vão desenvolver. Para isso é necessário definir as tarefas principais, estabelecer a sua ligação com a aula anterior, fundamentar a sua importância, despertar nos alunos uma disponibilidade elevada de aprendizagem. Não é necessária uma apresentação detalhada, mas apenas uma forma curta, compreensível, viva, cativante, estimulante e ajustada à idade dos alunos”. (Bento, 1987, p.132).

(Bento, 1987, p.135), relata que é na parte fundamental que se define os objetivos, os conteúdos e a organização didático-metodológica determinados pelo trabalho de planeamento e de preparação, relacionando com a função desempenhada pela aula numa determinada UD. Esta parte é definida pela eficácia do Professor executar os objetivos e de transmitir os conteúdos, colocando à prova as suas capacidades metodológicas.

Na parte final da aula (Bento, 1987, p.137) diz que o professor deve proceder ao balanço final avaliando a disciplina, os seus resultados e deficiências gerais, destacando aspetos relevantes e realizando a ligação com as futuras aulas. É essencial que aula termine de maneira a facilitar a transferência para uma outra forma de aprendizagem ou outra organização do ensino.

Um outro fator importante era a identificação e análise dos aspectos fundamentais do êxito ou fracasso da prática da aula pelo meio de uma reflexão crítica num trabalho colaborativo com o Professor Orientador da Escola e com o Núcleo de Estágio, uma vez que, segundo (Bento, 1987, p.150), não havendo um trabalho de reflexão não é possível a avaliação dos alunos e da prática pedagógica do professor. Se não realizarmos uma revisão ou avaliação da qualidade de ensino, não conseguimos garantir a eficácia e a melhoria da nossa prática pessoal.

Posteriormente à reflexão crítica em grupo, individualmente realizávamos uma reflexão crítica sobre o planeamento da aula, as dimensões instrução e gestão, clima e disciplina, as decisões de ajustamento, aspetos positivos mais salientes e oportunidades de melhoria. “Através desta análise determina-se o grau de realização dos objectivos, das intenções educativas e metodológicas, e inventariam-se os resultados mensuráveis da ação da aprendizagem dos alunos” cita (Bento, 1987, p.149

2. REALIZAÇÃO

“O Professor é o responsável pelo que se passa na aula e, em princípio, pelas decisões a tomar, pois especifica e operacionaliza os objetivos, programa as actividades, escolhe, identifica e define as tarefas que os seus alunos deverão realizar, opta pela adopção das disposições materiais para a prática, conduz a acção na aula, define e realiza a avaliação dos alunos”. (Piéron, 1996)

A intervenção pedagógica articulada com o processo de planificação com a obtenção dos objetivos e conteúdos pré-definidos origina a realização. Esta interliga-se com as dimensões de instrução, gestão, clima e disciplina, e com as decisões de ajustamento. (Bento, 1987, p.96) diz que se realizarmos uma formulação exata dos objetivos da aula, exercemos uma influência importante sobre a eficácia da realização do ensino, criando clareza e constituindo um pressuposto essencial para uma correta orientação da prática dos alunos.

2.1 Instrução

Esta dimensão abrange todas as práticas e estratégias de intervenção pedagógica por parte do Professor, assim como a prelecção inicial e final, o questionamento, a demonstração e os *feedbacks* (FB).

A informação deve ser bem organizada para promover a qualidade da mesma. Para tal é necessário uma preparação antes do momento da ação. Assim sendo, relativamente à prelecção inicial, o método utilizado no decorrer do ano letivo baseava-se em breves apresentações dos objetivos, conteúdos e regras da aula para evitar o consumo excessivo do tempo de aula e para evitar a penalização da duração dos momentos de prática e de aprendizagem.

Um dos principais aspetos na informação transmitida foi a forma objetiva, breve, concisa e clara, no tom de voz audível e perceptível, utilizando a terminologia específica da matéria, de modo a que os alunos retivessem a informação veiculada pelo Professor. A instrução era dada após a organização de todos os alunos, estes eram colocados em meia-lua, no campo visual do Professor. Transmitia-se os objetivos e conteúdos a abordar nos exercícios, o enquadramento deste na matéria e os seus critérios de êxito.

Para proporcionar um maior empenho da turma na prática das aulas, recorriámos ao questionamento de modo a verificar a aquisição da informação fornecida, bem como as aprendizagens dos conteúdos programáticos lecionados e a lecionar. Apesar da clareza e objetividade na transmissão dos objetivos e conteúdos programáticos em cada aula, nas tarefas e nas suas respetivas organizações, “sabendo que um ser humano tem uma capacidade limitada de processamento de informação, e sabendo que a informação visual é mais facilmente assimilada, é conveniente que o professor recorra à utilização de modelos visuais que acompanhem a informação verbal” (Piéron, 1988; Siedentop, 1991; Sarmiento et al., 1998 citado por Marques, 2004). Deste modo, utilizámos as demonstrações ao vivo, desenvolvidas pelos alunos como agentes de ensino ou pelos Professores.

Durante a condução da aula, dava-se relevância à transmissão de FB de modo a atender às dificuldades manifestadas pelos alunos no decorrer das aulas. Para a condução de uma aula eficiente focámo-nos nos conteúdos programáticos de cada aula, para conceber FB mediante o desenvolvimento da prática dos alunos. A transmissão de

FB foi aumentando gradualmente e foi perceptível que a quantidade e qualidade destes, variava conforme o conhecimento e domínio das diversas matérias, pois quanto maior fosse o conhecimento dos conteúdos, mais facilmente se detectava os erros e a devida correção.

(Carreiro da Costa, 1984 citado por Marques, 2004) afirma que para o Professor transmitir *feedbacks* aos alunos, é imprescindível dominar o que está a ensinar, detendo o conhecimento de todas as componentes críticas das tarefas que idealiza, pois só assim conseguirá intervir após cada prestação dos alunos.

Era essencial ministrar nos alunos, FB curtos, com uma linguagem clara e simples, de maneira a concentrar a atenção dos mesmos e permitir-lhes uma retenção da informação recebida. Direcionar o FB para o foco de aprendizagem, de forma oportuna e atempada, para que o aluno tivesse possibilidade de corrigir de imediato o erro cometido. Posteriormente à transmissão do FB era fulcral fechar o ciclo, ou seja, verificar se existiu alteração ou manutenção do comportamento por parte do aluno.

Em relação à prelecção final, efectuávamos reflexões coerentes e sucintas, do mesmo modo que a prelecção inicial. Era feito um balanço da aula, focando os pontos positivos e negativos que ocorreram ao longo da mesma, bem como uma reflexão da matéria abordada e do que seria lecionado na próxima aula. O questionamento e o esclarecimento de dúvidas era utilizado como método principal para a verificação da aquisição dos conhecimentos e conteúdos programáticos referentes às matérias praticadas.

2.2 Gestão

Siedentop (1991) aborda a dimensão gestão “como um comportamento do professor que produz elevados índices de envolvimento dos alunos nas actividades da aula, e a redução de comportamentos dos alunos que possam interferir no trabalho do professor ou de outros alunos, e um uso do tempo de aula de forma eficaz.

Deste modo, dominámos um conjunto de estratégias na prática pedagógica que promovessem esses índices de envolvimento dos alunos da turma, visto que esta dimensão pretendia criar condições para que os alunos pudessem participar o máximo de tempo possível nas actividades planeadas e nas melhores condições de segurança,

como menciona (Piéron, 1988 citado por Marques 2004), facilitando, desta forma, as condições de ensino-aprendizagem.

No planeamento das aulas, tivemos em conta a gestão do tempo e a coordenação das diferentes tarefas, para criarmos uma maior rentabilização do tempo de prática, exercitação e aprendizagem dos alunos, para aumentar o tempo de empenhamento motor, seleccionando estratégias organizacionais no espaço de aula.

Algumas das estratégias empregues foram: a elaboração antecipada dos grupos de trabalho para a prática dos diferentes exercícios, a distribuição dos coletes no início da aula pelos grupos de trabalho, a preparação e organização do material no campo, distribuído pelas diferentes estações de exercícios, a verificação da assiduidade dos alunos, começamos por realizar uma contagem crescente mentalmente, o uso do apito para uma reunião mais eficaz de todos os alunos e a demonstração conciliada com a instrução para os diversos exercícios da aula.

Na organização dos exercícios planificámo-los de maneira a que todos os alunos, se mantivessem em prática motora e não existisse tempos de espera ou mortos. Optámos por planificar exercícios por diferentes estações. Distribuíamos os grupos de trabalho pelas diferentes estações e após terminado o tempo definido de realização, com o apoio do sinal sonoro (apito), realizavam a rotação de grupos pelas estações.

O trabalho por estações era importante pois possibilitava a participação simultânea dos elementos da turma, permitia o uso eficaz de exercícios com conteúdo e identidade, diversificados de forma a resolverem em conjunto os diferentes objetivos da aula. É importante ressaltar que o trabalho em cada estação devia ser independente das outras, ou seja, necessitava de ter um começo, meio e fim, sem exigir um exercício prévio para a sua compreensão, pois cada grupo iniciava em uma estação diferente e circulava a partir dela, era preciso que os grupos fossem capazes de resolver cada desafio isoladamente.

O tempo também era muito importante para a atividade de rotação e devia ser respeitado criteriosamente, este aspecto organizava o desenvolvimento das rotações o que fazia com que os alunos ficassem focados em realizar a atividade dentro do tempo determinado.

Outra das estratégias que nos ajudou na gestão do tempo da aula foi inculcar aos alunos o uso da garrafa de água para hidratação, para que estes não se deslocassem ao balneário, resultando muito bem.

2.3 Clima / Disciplina

Segundo Ribeiro-Silva (2018), “em Educação Física o controle disciplinar assume ainda maior relevância, como unidade curricular com características muito próprias tanto a nível dos espaços de ensino, como dos seus conteúdos e da estrutura das suas aulas, onde desenvolvem as suas aprendizagens em grandes espaços, por vezes abertos”.

O clima e a disciplina são duas dimensões que se relacionam simultaneamente nas interações pessoais e no meio envolvente. O controlo da turma desenvolve uma boa relação interpessoal entre o Professor e os seus alunos. Na prática pedagógica, o clima e a disciplina são fundamentais para alcançar o sucesso. A presença de um bom clima de aula ajuda na satisfação pessoal, no empenho e desenvolvimento das tarefas estabelecidas pelo Professor e para a maturação afetiva dos alunos.

Promover um bom clima e disciplina na sala de aula era essencial para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem eficaz. De acordo está (Siedentop 1991) que declara “a disciplina importante porque os alunos aprendem melhor numa turma disciplinada. Não há dúvida que um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”. No decorrer das aulas desenvolvemos relações com os alunos baseadas no respeito mútuo e na amizade, procurando o envolvimento dos mesmos, na construção das suas próprias aprendizagens.

A turma com a qual trabalhamos no decorrer do ano letivo apresentava particularidades apropriadas. Evidenciava comportamentos adequados e disciplinados durante a prática das aulas. Inicialmente empregámos uma postura e um perfil mais severo e rígido, para destacar a liderança e autoridade dentro da sala de aula. Posteriormente ao sentimento de controlo e domínio da turma, adotamos um perfil mais flexível e benevolente. Embora mantendo uma outra postura, não descartávamos o dever de por ventura, ser necessário retomar ao perfil inicial. Contudo, no decorrer do

ano letivo, a postura manteve-se constante, promovendo sempre uma boa relação com os alunos, de modo exigente, consciente e credível.

De acordo está (Villar 1993, citado por Ribeiro-Silva 2018) defendendo que uma atitude docente adequada diminuía os problemas de indisciplina, permitia o controlo da turma e daria ao professor mais tempo para fornecer *feedback* aos alunos, aumentando a participação e a eficácia dos mesmos na aula e, conseqüentemente, a aprendizagem.

2.4 Decisões de Ajustamento

Para adequarmos o ensino às práticas pedagógicas, desenvolvermos e alcançarmos os objetivos pré-definidos referentes ao desempenho os alunos, era fundamental que fossemos capazes de aplicar tarefas nas diversas matérias que levassem ao sucesso da aprendizagem.

As decisões de ajustamento eram certamente, uma das dimensões da prática pedagógica mais rigorosa e exigente para um Professor, pois tínhamos que deter a capacidade de improviso atendendo ao reajustamento das tarefas executadas pelos alunos ou até mesmo nas dificuldades expostas pelos mesmos.

No início do ano letivo, o Núcleo de Estágio sentiu algumas dificuldades em reajustar diversas situações na prática pedagógica. Com o passar do tempo, a segurança e a capacidade de improvisar foram aprimorando-se. As condições meteorológicas, alguns exercícios exequíveis, atividades de carácter obrigatório organizadas pela comunidade escolar, foram alguns dos exemplos que levaram a um reajustamento.

Em relação às condições meteorológicas, a Unidade Didática de Atletismo foi das matérias de ensino mais prejudicadas, pois era leccionada no exterior da Escola, no entanto, detínhamos sempre um segundo plano para ser realizado no interior do pavilhão, trabalhos de condição física.

Os exercícios exequíveis, na prespetiva dos alunos, eram demonstrados várias vezes. Tínhamos o cuidado de parar a aula, organizar os alunos e prosseguir à demonstração juntamente com a instrução sobre a prática correta dos exercícios. Por vezes, recorriamos ao reajuste dos exercícios, simplificando-os inicialmente, e após a

aquisição por parte dos alunos, íamos acrescentando a complexidade dos exercícios, a fim de assimilarem o objetivo dos exercícios na sua totalidade.

A participação dos alunos na turma em actividades de carácter obrigatório organizadas pela comunidade escolar levou ao reajuste das Unidades Didáticas, principalmente no número de aulas previstas e na extensão e sequência de conteúdos por aula.

Posto isto, focámo-nos na análise reflexiva de todas as situações sujeitas a reajustamentos, e com o apoio do Núcleo de Estágio e do Orientador Professor da Escola, relativamente ao plano anual, unidades didáticas e planos de aula, solucionar estratégias para que todos os reajustamentos realizados fossem os mais apropriados mediante as condições de ensino.

(Bento, 1987, p.162) afirma que “a reflexão posterior sobre a aula constitui a base para um reajustamento na planificação das próximas aulas, uma vez que proporciona uma definição mais exacta do nível de partida e procede a balanços que devem ser tomados em conta na futura planificação e organização do ensino”. Juntamente com a experiência de ensino, a melhor maneira de alcançar corretamente a capacidade didática do ajustamento.

3. AVALIAÇÃO

“A avaliação pressupõe um sistema de recolha e interpretação de dados para que, professores e alunos possam adaptar a sua actividade aos progressos e problemas de aprendizagem verificados e decidir novas prioridades, novos desafios, outras possibilidades para aprenderem! Trata-se pois, de uma referência fundamental e determinantes no planeamento do processo de ensino-aprendizagem” (Carvalho, 1994)

Com o processo de avaliação das aprendizagens dos alunos, o nosso foco são as questões consequentes da nossa prática pedagógica e apresentar sugestões ou propostas práticas que, constituindo-se como elemento de reflexão e análise crítica, possam, de algum modo, contribuir para a melhoria da nossa prática de ensino.

A avaliação das aprendizagens, distribuída em três momentos, avaliação formativa inicial, avaliação formativa e avaliação sumativa, são cruciais para todo o

processo de ensino-aprendizagem e estão diretamente associadas ao planeamento e à condução das aulas.

O desenvolvimento de um sistema de avaliação integrado e coparticipado (Nobre, 2015 citado por Nobre, P. 2018): inclui uma avaliação inicial (determinar adquiridos, definir percursos, projetar aprendizagens), momentos de avaliação formativa (processual, pode ser formal e informal, diz ao professor o que reajustar e ao aluno o que já aprendeu e o que falta fazer, portanto presta-se a uma descrição em palavras) e momentos de avaliação sumativa (pode ser parcelar, se distribuída ao longo da Unidade Curricular e associada a momentos de avaliação formativa formal, ou final, quando se pretende sumariar o que os alunos aprenderam e classificar essa aprendizagem numa determinada escala, portanto presta-se a uma expressão numérica). (Nobre, P. 2018)

3.1 Avaliação Formativa Inicial

A avaliação inicial é um processo decisivo pois, para além de permitir a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita aos professores assumirem compromissos coletivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objetivos e/ou procedendo a alterações ou reajustes na composição curricular à escala anual e/ou plurianual, caso considerem necessário. (PNEF, 2001).

Assim sendo, no início de cada matéria deparamo-nos com a necessidade de orientar o seu processo de ensino-aprendizagem, escolhendo e definindo objetivos fundamentais, diagnosticando as dificuldades e as limitações dos alunos em relação às aprendizagens e prever o seu desenvolvimento, verificando as capacidades dos alunos.

A avaliação formativa inicial realizou-se no início de cada matéria, através de exercícios analíticos e jogos reduzidos, a fim de orientar e organizar todo o processo de ensino-aprendizagem. Ao realizar a avaliação inicial defrontámo-nos com algumas dificuldades em obter o nível de aprendizagem dos alunos. A inexperiência da nossa parte relativamente à realização de uma avaliação fez com que o registo da mesma fosse um enorme desafio.

Realizada a avaliação e posteriormente a caracterização da turma, das aprendizagens adquiridas e das dificuldades demonstradas pelos alunos, ou seja, o conhecimento do nível de aprendizagem em que estes estavam, criamos os objetivos e metas de aprendizagem adequadas a serem alcançados e as estratégias de ensino para o alcance dos mesmos. Concedeu-nos o planeamento e organização do processo de ensino de modo real adaptado à turma, atestando um processo de ensino-aprendizagem eficiente, sem desconsiderar as modificações e os ajustamentos necessários ao longo do planeamento.

Ainda com a avaliação inicial, permitiu-nos avaliar o desenvolvimento progressivo das aprendizagens por parte dos alunos ao longo do ano letivo, realizando no final de cada matéria, a comparação dos resultados desta avaliação e da avaliação sumativa.

3.2 Avaliação Formativa

A avaliação formativa é o processo de recolha de informações que nos permite, ao longo do ano, orientar e regular a nossa actividade pedagógica, bem como controlar os seus efeitos, a aprendizagem. (Carvalho, 1994)

Para (Allal, 1986 citado por Carvalho, 1994) a finalidade da avaliação formativa é adequar a prática pedagógica aos progressos e dificuldades na aprendizagem dos alunos. Adaptar as tarefas de ensino e as aprendizagens de acordo com a análise e reflexão das informações recolhidas.

A aplicação da avaliação formativa representa um papel indissociável à prática pedagógica. É praticada durante todo o processo de ensino-aprendizagem. É definida como um processo de regulação da aprendizagem onde são permanecidas ou ajustadas as estratégias de ensino para as aprendizagens dos alunos, para o progresso dos mesmos, alcançando os objetivos estabelecidos.

A avaliação formativa era contínua, ou seja, em todas aulas era feita uma reflexão sobre a evolução e progresso dos alunos. Considerámos uma prática presencial nas aulas, no decorrer da análise comportamental dos alunos, no seu desenvolvimento das aprendizagens, observando se eram alcançados os objetivos, a partir daqui, optávamos ou não pelo reajustamento do ensino mediante às dificuldades apresentadas.

Pretendíamos determinar a prestação dos alunos durante a unidade de ensino, de maneira a perceber as suas dificuldades e prontamente solucioná-las.

Quando avaliámos as aprendizagens dos alunos, observámos as aprendizagens demonstradas e as principais dificuldades que apresentam. Não é possível avaliar todas as aprendizagens nem todos os objetivos da aula. Focamo-nos nos exercícios analíticos e decisivos no processo de aprendizagem. Daí ser necessário “recolher com rigor (pedagógico) e a objetividade possíveis informações que fundamentem as nossas decisões pedagógicas” como refere (Carvalho, 1994).

Com o propósito do envolvimento ativo dos alunos no processo de avaliação, fornecemos FB e determinamos as componentes críticas dos diferentes conteúdos programáticos, com o intuito de permitir o conhecimento e compreensão do seu próprio processo de aprendizagem e terem a oportunidade de corrigir e superar as dificuldades surgidas.

Quando era constatado progressos relevantes nas competências e aptidões dos alunos, priorizávamos por posicioná-los em outros grupos de nível de trabalho, com novas aprendizagens. Nas matérias de ensino, os grupos de trabalho eram organizados por níveis de aprendizagens, ou seja, o conteúdo dos exercícios era o mesmo para objetivos diferentes. No caso dos alunos pertencentes a grupos de nível introdutório, quando se destacavam as dificuldades superadas e capacidades adicionais, realizavam a transição para os grupos de nível elementar.

Assim sendo, conseguíamos reavaliar o processo de aprendizagem dos alunos, de modo a expandir a complexidade da prática dos exercícios ou a reorganizar as estratégias de ensino.

3.2 Avaliação Sumativa

“A avaliação sumativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações do tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o ensino.” (Ribeiro, 1999).

Desta forma, a avaliação sumativa consistiu na caracterização global do desenvolvimento das aprendizagens e as competências dos alunos no final da UD. Esta

avaliação complementou as avaliações formativas realizadas anteriormente, permitindo-nos avaliar as aprendizagens dos alunos e a verificação dos objetivos obtidos, isto é, avaliarmos todo o processo de ensino aprendizagem.

Com a avaliação sumativa pretendíamos avaliar a progressão dos nossos alunos, avaliar as suas aprendizagens ao longo da prática da UD, classificando-os quantitativamente. Outra finalidade desta avaliação era a possibilidade de nos avaliarmos a nós próprios enquanto agentes de ensino.

Para avaliarmos os nossos alunos nas diversas matérias de ensino, seleccionámos as últimas duas, três aulas de cada matéria, variando o número de aulas com os conteúdos programáticos de cada UD. Realizámos uma grelha de avaliação de acordo com os conteúdos didáticos técnicos e táticos desenvolvidos e os objetivos a alcançar para cada grupo de nível de aprendizagem em cada matéria de ensino individual, acrescentando a avaliação da situação de jogo nas matérias de ensino do Basquetebol, do Voleibol e Badminton. Com esta grelha, pretendíamos precisar a eficiência do processo de ensino-aprendizagem e certificarmo-nos do nível psicomotor atingido pelos alunos, de acordo com critérios de avaliação definidos e apresentados no início do ano letivo.

Para complementar a avaliação do domínio psicomotor, através da avaliação da prática das aprendizagens adquiridas, a avaliação do domínio sócio afectivo e cognitivo, com o registo da assiduidade e pontualidade às aulas, o comportamento, atitude e empenho nas tarefas da aula e a aplicação de dois testes de avaliação sumativa no primeiro e segundo período letivo.

Na última aula de cada matéria de ensino, realizava-se a auto-avaliação, individualmente, cada aluno, auto-avaliava-se nos domínios anteriormente referidos.

(Nobre, 2018) “A avaliação ao serviço da aprendizagem: refere-se a um uso da avaliação como elemento regulador da ação do aluno, com consequências para a estratégia de ensino mobilizada; implica a explicitação ou negociação de objetivos com os alunos, e fornecimento de feedback regulador e a participação dos alunos na avaliação, em auto-avaliação ou avaliação dos seus pares. Esta forma de avaliar, formadora (Fernandes, 2011 citado por Bernardes, Nobre 2018), orienta-se para uma autorregulação da aprendizagem pelo aluno e implica a utilização de formas

alternativas de avaliação que lhe permitam determinar o que já aprendeu, identificar o que lhe falta aprender e definir o que necessita fazer para o conseguir.

Após a recolha de todas as informações referentes à avaliação sumativa, seguia-se a classificação das notas. Consideramos que tenha sido das tarefas mais difíceis de concretizar ao longo da nossa prática pedagógica. A incerteza das mesmas e o receio de assumirmos classificações injustas tornou o processo avaliativo ainda mais complexo. Realçamos uma vez mais, a importância da presença do Professor Orientador da Escola, que compreendeu as nossas dificuldades e prontamente indicou-nos algumas estratégias de modo a facilitar o processo, como o “desbloqueio” das grelhas de avaliação, ou seja, prestando uma maior atenção e cuidado à observação da realização dos exercícios por parte dos alunos, repetindo as observações as vezes que fossem preciso em cada aluno e só no fim realizar o registo na grelha. Realçando também a importância de os alunos terem o conhecimento de todos os critérios de avaliação de modo a promover o empenho e desenvolvimento das tarefas dos mesmos.

Em suma, (Carvalho, 1994) afirma que “qualquer que seja o objetivo da avaliação e as decisões daí decorrentes, o professor confronta-se com um problema, recolher com rigor pedagógico e objetividade possíveis informações que fundamentem as suas decisões pedagógicas”.

4. COADJUVACÃO NO ENSINO SECUNDÁRIO

4.1 O 11º ano a Placar

Um dos objetivos gerais do EP consistia na elaboração de um projeto de intervenção pedagógica e realizá-lo num outro nível de ensino. Com o conhecimento da UD de Tag-Rugby praticada na Escola, o interesse e a motivação pela mesma, simplificou as nossas escolhas, sendo o 11º ano, o ano de escolaridade escolhido.

Esta intervenção foi desenvolvida durante quatro aulas, nas quais se propunha uma intervenção pedagógica de tempo complexidade crescente.

A prática pedagógica num outro ciclo de escolaridade foi mais uma etapa enriquecedora para a nossa formação enquanto docentes. O trabalho colaborativo com o Professor responsável da Turma tornou-se harmonioso e espontâneo. Sendo uma turma desconhecida e pertencente a um outro ciclo de escolaridade, secundário, consideramos

importante a realização de uma reunião prévia, tendo a oportunidade de receber algumas informações pertinentes sobre a turma, nomeadamente a sua caracterização, grupos de nível de aprendizagem, possibilitando a troca de ideias em relação às práticas pedagógicas pertencentes ao ensino secundário e possíveis estratégias de ensino.

Juntamente com o Professor Orientador e o Professor responsável pela turma de coadjuvação ficou decidido aproveitarmos a matéria de ensino de Tag-Rugby, e darmos alguns conteúdos sobre a matéria de ensino de Rugby. O objetivo era instruímos algumas progressões pedagógicas da placagem e abordarmos algumas leis de jogo.

Na primeira aula observada à turma de coadjuvação, o Professor responsável pela mesma, procedeu à nossa apresentação e explicou aos alunos qual iria ser o nosso papel nas aulas seguintes. A turma mostrou-se logo interessada e entusiasmada por ter a oportunidade de vivenciar outros conteúdos programáticos relacionados com a placagem. Após isto, prosseguimos com a observação da aula, recolha de informações sobre a postura, comportamento, empenho, atitude e disciplina dos alunos na prática pedagógica. Constatamos que no domínio sócio afetivo, esta turma era similar com a nossa.

Apesar de a primeira aula ser de carácter observacional, e de não apresentarmos qualquer tipo de planificação para a aula, o Professor quis pôr à prova a nossa capacidade de improviso e de domínio dos conteúdos programáticos, convidando-nos a intervir na parte fundamental da aula, organizando e exercitando um exercício à nossa escolha para os presentes grupos de trabalho.

Utilizamos os grupos de trabalho já pré-definidos, organizamo-los pelo espaço da aula e demos início à instrução e demonstração do exercício. Seleccionámos um exercício analítico da matéria de Rugby, com alguma complexidade inicialmente mas após a prática tornou-se lúdico e fluiu muito bem. O objetivo do exercício era exercitar o passe curto e o passe longo com apoio. Durante a realização do exercício, tivemos o cuidado de circular pelo mesmo, emitindo FB de correção e de reforço, a importância da postura corporal, das mãos bem colocadas e visíveis, do olhar dirigido para o recetor da bola, a forma correta de rodar o tronco quando realizavam o passe para ambas as direções e concentração durante todo o exercício.

Os alunos mostraram-se empenhados e participativos. Referi no final do exercício, alguns aspetos importantes do exercício e os erros mais frequentes. O FB por parte dos alunos foi muito satisfatório, apesar de algumas dificuldades sentidas na interpretação do exercício inicialmente, houve superação e o exercício acabou por resultar com fluidez.

Também intervimos na parte final da aula, na situação de jogo. O Professor dividiu a turma em dois grupos (rapazes e raparigas). O grupo dos rapazes ficou à nossa responsabilidade e abordámos a situação de jogo. Ao mesmo tempo que os observávamos, íamos fornecendo FB e corrigindo alguns gestos técnicos. No final do jogo, reunimos as duas equipas e instruímos-lhes alguns conteúdos relacionados com a modalidade, frisando as leis de jogo e as acções técnico-táticas. No final da aula, reunimos com o Professor e realizamos a reflexão da mesma, planificando os conteúdos programáticos a abordar nas próximas aulas.

Na segunda aula, a parte inicial e final ficou à nossa responsabilidade. Na terceira e última aula, planificamos ambas na totalidade, ficando o Professor a visionar. Para realizarmos as progressões pedagógicas da placagem, efetuamos uma requisição de material desportivo, sacos de placagem e escudos de percussão de rugby, no Clube pelo qual somos filiados.

Todos os exercícios foram idealizados para se refletirem nos objetivos da aula, desenvolverem as capacidades condicionais e coordenativas, realizando exercícios para as diferentes capacidades, velocidade de reação, de repetição, de deslocamento e de força. Os exercícios escolhidos inicialmente eram essenciais para o aquecimento articular e cardiorrespiratório, essencialmente para os motivar para as restantes tarefas da aula. Na parte final, optamos pela situação de jogo, fundamental para os alunos aplicarem em contexto de jogo todos os conteúdos adquiridos na aula, mas também para promoverem a cooperação, o fair-play, o espírito de equipa e a competitividade.

No balanço das aulas instruídas, os alunos manifestaram-se, realçando o gosto pela modalidade, o interesse e motivação de quererem aprender mais e quiçá ingressarem num clube numa fase de experimentação.

A turma ao longo das quatro aulas lecionadas por nós manteve-se empenhada e motivada nas tarefas. As aulas correram como planeadas, não sofreram reajustamentos e os objetivos das mesmas foram realizados em harmonia por parte dos alunos.

A reflexão final da coadjuvação a outro ciclo foi gratificante face à empatia criada com a turma em tão pouco tempo.

5. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO ESCOLAR

Uma das tarefas a desempenhar ao longo do ano letivo foi o cargo de gestão incidido na componente de gestão em estruturas de gestão/administração ou de coordenação/supervisão. O trabalho realizou-se na Assessoria à DT, da Turma do 7ºA, na qual éramos Professores Estagiários de EF.

Progressivamente, o Papel de DT tem assumido uma maior relevância dentro e fora do ambiente escolar. É responsável pela liderança de todos os trabalhos burocráticos relacionados com a turma e pelos professores que nela instruem e tem mantido um papel fundamental na vida dos alunos na vinculação entre a escola e encarregados de educação.

De acordo está (Boavista 2013) referindo que “ O Diretor de Turma é assumido como sendo uma figura de gestão intermédia da escola, depositário de responsabilidades particulares no que concerne à coordenação dos professores da turma, à promoção do desenvolvimento social e pessoal dos alunos e sua integração no ambiente escolar, assim como ao relacionamento estabelecido entre a escola, os encarregados de educação e a comunidade escola.”

A DT, Professora Ana Paula Barata Quaresma Bento, era Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas variante de Estudos Ingleses e Alemães pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Ingressou na Carreira, já com EP no ano letivo 1997/1998. Foi Orientadora de EP na disciplina de Alemão durante seis anos. Representou o papel de DT em vários anos letivos, no presente ano letivo tinha duas direções de turma (7ºA e 8ºF).

A nossa função ao longo do ano letivo foi coadjuvar a DT nas suas funções de articulação entre os diversos intervenientes no processo de ensino-aprendizagem, sendo eles os Professores da turma, os alunos e os Encarregados de Educação.

Realizando um balanço final do nosso trabalho podemos considera-lo bastante positivo. Conscientes da responsabilidade do cargo, mantivemo-nos sempre empenhados em conhecer a turma e os seus problemas, apoiando a DT no contacto com os Encarregados de Educação, em apoiar os alunos com mais carências, sendo elas educacionais, familiares ou de integração.

Esta coadjuvação foi feita através de um trabalho cooperativo, nomeadamente entre os Professores e os alunos com o intuito de ajustar as estratégias e os métodos de trabalho a desenvolver, bem como compreender as especificidades de cada aluno. Fomos assíduos e pontuais no exercício deste cargo e realizamos sempre as tarefas que nos foram atribuídas. Demos o nosso contributo na reflexão e resolução de problemas de carácter pedagógico.

Relativamente às reuniões que presenciamos, conseguimos entender como se processa a dinâmica do conselho de turma e de acordo com as informações que nos eram dadas, tínhamos meios para comunicar com a turma, alertando os alunos para a melhoria do aproveitamento e comportamento. Por vezes falávamos individualmente com alguns, quando se tratava de casos mais específicos.

Até aqui, concluimos que o trabalho da DT é bastante complexo. Tivemos a oportunidade de adquirir algumas aprendizagens e conteúdos essenciais relativamente ao cargo e à sua prática. A função que desempenhamos como assessores foi essencial e enriquecedor durante a nossa prática de ensino, fornecendo-nos algumas bases para um futuro profissional.

6. PROJETOS E PARCERIAS EDUCATIVAS

Esta área pretendia o desenvolvimento de competências de conceção, construção, desenvolvimento, planificação e avaliação de projetos educativos e curriculares em diferentes dimensões, assim como a participação na organização escolar. O objetivo era protagonizarmos na Escola a conceção e realização de duas atividades destinadas à comunidade escolar. No Desporto Escolar também desempenhamos um papel colaborativo e organizador no “Corta-Mato” e no “Mega Sprint”.

Em relação à primeira atividade organizada “Tiro com arco”, contamos com apoio da Empresa de Animação do nosso colega do Núcleo de Estágio, adquirindo todo

o material necessário para a realização da mesma. A ideia da atividade surgiu do mesmo, e os restantes colegas do Núcleo concordaram visto que a aquisição do material seria facilitada e concordamos na importância de promover uma atividade diferente para os alunos. Na realização do projeto, o Núcleo reuniu-se em prol da busca e da troca de conhecimentos desta matéria de ensino. O apoio e conhecimento do nosso colega foi fulcral durante a preparação teórica e prática da Atividade. A mesma foi inserida na semana das jornadas culturais da Escola, nomeadamente no seu aniversário.

Esta atividade contou com a participação de alunos do 3º ciclo e secundário, apesar de a atividade ter despertado um maior interesse nos alunos mais novos. Durante a realização da atividade, o Núcleo de Estágio era responsável pela distribuição do material a cada participante e pela supervisão da prática, auxiliando sempre que fosse necessário. Os Professores do Núcleo de EF tiveram um papel fundamental na organização dos alunos, enquanto a comissão organizadora reforçava as regras de segurança, destacando a circulação pelo espaço, o uso do material e a recolha do mesmo. Realizámos um balanço positivo da Atividade.

Todos os elementos do Núcleo de Estágio mostraram empenho e dedicação ao longo da organização e da prática da atividade. Apesar de ter sido escasso o número de participantes, aqueles que experimentaram, gostaram da experiência, querendo repetir um maior número de vezes.

A segunda atividade realizada foi as “Atividades Rítmicas e Expressivas”. A escolha desta Atividade derivou das dificuldades presentes no Núcleo de Professores de EF da Escola ao abordar a matéria de ensino ao longo do ano letivo. Assim sendo, esta Atividade tinha como finalidade promover o enriquecimento de conteúdos para a formação dos Professores, bem como dos Estagiários através da troca de experiências, conhecimentos e ideias.

O Núcleo de Estágio promoveu a divulgação da Atividade, através da deslocação e afixação dos cartazes nas Escolas do Município da Figueira da Foz. No entanto, no desenvolvimento da Atividade, contamos apenas com a participação dos Professores do Núcleo de EF e com o Núcleo de Estágio da Escola, e com as turmas dos Professores envolvidos.

Dividimos a Atividade em duas partes, uma destinada aos Professores e outra aos alunos. A parte inicial da atividade era composta pela teoria baseada do domínio, importância, compreensão, batida e cadência musical, e foi orientada pelo Professor Doutor Francisco Campos, Professor no Curso de Desporto e Laser na Escola Superior da Educação do Politécnico de Coimbra, convidado pelo Núcleo de Estágio a participar e a intervir na Atividade. Este consolidou a informação teórica com a prática, promovendo no grupo participante, vários momentos lúdicos.

Na segunda parte da Atividade, demos início à prática com treino funcional com o auxílio musical do “Treino Tabata”. Optamos por este método para permitir aos Professores libertarem-se da preocupação e cuidado da contagem dos tempos da música, visto que este género de treino facilitava e muito essa função, pois era o próprio registo musical a encarregar-se disso.

Realizamos um conjunto de exercícios com diversas progressões, de modo a permitir a escolha dos mais simples aos nossos participantes, a fim de se sentirem cómodos a realizar.

Ainda na segunda parte, entrevistamos com uma aula de *Step*. A Santa Casa da Misericórdia do Montemor-o-Velho, uma das Instituições empregadoras de um elemento do Núcleo de Estágio, facultou-nos todos os *steps* necessários para a realização desta parte.

A motivação e o empenho foram notórios por parte de todos os intervenientes. Promovemos uma aula enriquecedora, composta por diferentes sequências ao ritmo de uma composição musical. O material utilizado nesta parte da Atividade, aos olhos dos Professores de EF, seria imprescindível num investimento futuro para a Escola, pois iria permitir a execução de diversos exercícios, aumentando a sua complexidade, com apoio musical, inseridos na matéria de ensino da Dança ou até mesmo em exercícios de aquecimento ou de retorno à calma em outras matérias de ensino distintas.

Na terceira parte, presenteamos os participantes com a formação da dança tradicional francesa, designada como “Círculo Circassiano”. Organizamos pares mistos e realizamos as coreografias.

A última parte da Atividade o Professor organizou e distribuiu os alunos pelo campo e realizou uma coreografia. De um modo geral a Atividade correu muito bem, o

programa foi cumprido e todos os participantes tiveram uma atitude excelente na sua participação, colaboração, empenho na nossa Atividade, promovendo um dia de diversão, aprendizagem e troca de conhecimentos para todos.

O Núcleo de Estágio reconheceu e agradeceu o esforço, profissionalismo, colaboração e dinamismo de todos os Professores envolvidos na Atividade. Com a contribuição de cada membro do Núcleo de Estágio, promovemos um dia enriquecedor para todos, apresentando uma Atividade com diversos conteúdos heterogêneos.

Ambos os Projetos Educativos desenvolvidos foram planejados previamente em reuniões de trabalho, onde elaboramos os projetos, cartazes e certificados de participação dos mesmos. Posteriormente realizou-se a divulgação das Atividades com a distribuição e afixação dos cartazes.

No Desporto Escolar, desempenhamos um papel colaborativo e organizador no “Corta-Mato” e no “Mega Sprint”. Na primeira prova ficamos responsáveis pela distribuição dos dorsais pelos alunos, orientação dos alunos até ao local da prova e entrega da alimentação. No “Mega Sprint, ficamos incumbidos de registar os tempos dos alunos na prova de velocidade.

Como reflexão desta área de avaliação, constatamos que demonstramos durante a realização das atividades, capacidades de trabalho em grupo, apesar da incompatibilidade nos horários de algumas reuniões de Núcleo, conseguimos cooperar uns com os outros num sentido crítico, demonstrando criatividade e capacidades de adaptação, bem como de empenhamento.

7. COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS

No (Decreto-Lei nº240/2001, anexo III), na dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, o Professor promove aprendizagens no âmbito de um currículo, no quadro de uma relação pedagógica de qualidade, integrado, com critérios de rigor científico e metodológico, conhecimentos das áreas que o fundamentam.

Com isto, o Professor deve promover aprendizagens, considerando os objetivos do projeto curricular de turma, baseando-se no desenvolvimento das competências e estruturas que o integram. Necessita de organizar e promover o ensino, quer individual

ou em grupo, respeitando as aprendizagens e as áreas de conhecimento e das opções pedagógicas e didáticas fundamentadas. Deve ainda, desenvolver estratégias pedagógicas diferenciadas levando ao sucesso e realização de cada aluno no quadro sociocultural da diversidade das sociedades e da heterogeneidade dos alunos.

Os alunos são o foco de todo o processo de ensino-aprendizagem e cabe ao Professor desempenhar o seu papel na responsabilidade das aprendizagens dos mesmos. Assim sendo, o Professor assume um compromisso com ele mesmo e com toda a comunidade escolar.

Desde o início do ano letivo e após a contextualização escolar, prevalecendo toda a caracterização dos recursos, dos alunos e de todo o meio envolvente, e realizadas as avaliações iniciais, centramo-nos no planeamento, planificação de estratégias intervenções pedagógicas, e na diferenciação das práticas de ensino-aprendizagem. Para isto, desenvolvendo a autonomia, a responsabilidade, a cooperação, a motivação, o interesse e empenho, gosto, hábitos de vida saudável e o sucesso das aprendizagens dos alunos.

Enquanto Professores Estagiários, tivemos o cuidado de inculcar nas aulas práticas educativas que orientassem para um desenvolvimento de competências avaliativas dos diferentes domínios, cognitivo, psicomotor e sócio-afetivo. O rigor da planificação, da realização e avaliação objectivava o progresso do processo de ensino, superando todas as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Em relação à prática pedagógica, desenvolvemos aprendizagens diferenciadas, promovendo a adaptações e reajustamentos concretos e reais do ensino, contextualizando as capacidades essenciais para a realização dos conteúdos programáticos.

Cada intervenção pedagógica foi efetivamente construtiva no progresso das competências e atitudes dos nossos alunos, articulando estratégias de diferenciação pedagógica de maneira a que todos os alunos alcançassem as aprendizagens, apropriadas à caracterização individual da turma.

Para o compromisso das aprendizagens dos alunos, mostramo-nos interventivos quanto à instrução, gestão, clima e disciplina na aula, enaltecendo a relevância dos FB de maneira a consciencializarmos os alunos face à sua prática. Deste modo,

aperfeiçoamos o FB acompanhando a prática consecutivamente, aumentando a heterogeneidade do FB pedagógico, percebendo a importância e compreensão da mensagem.

Concluimos o EP constatando que promovemos um conjunto de aprendizagens nos nossos alunos.

8. ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL

A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário, surgindo a suas competências estruturadas em três níveis de desempenho do estagiário: nível de aprendizagem; nível de proficiência e nível de mestria.

(Ribeiro-Silva, E., Fachada, M., & Nobre, P. (2018).

No decorrer do ano letivo 2018/2019, ano de EP, assumimos uma atitude de compromisso e responsabilidade como Núcleo de Estágio mas também com a toda a comunidade escolar, promovendo as nossas ações e atitudes na nossa formação pessoal e profissional, e com as aprendizagens dos alunos.

Neste seguimento, destacamos a necessidade de iniciativa e autonomia na pesquisa e análise de conhecimentos que não dominávamos para anteciparmos a nossa intervenção pedagógica, favorecendo o ensino-aprendizagem e futuras aprendizagens dos alunos.

Como Núcleo de Estágio, focalizamo-nos no profissionalismo e na responsabilidade contínua, respeitando e cumprindo os diversos parâmetros de assiduidade e pontualidade que conseguimos preservar em todas as aulas planeadas ao longo da prática pedagógica, assim como a participação ativa em várias tarefas no contexto escolar, transparecendo um modelo de referência para os alunos da turma.

Durante a prática pedagógica, mantivemos e mostrámos uma grande disponibilidade e prontidão para os nossos alunos e para o meio escolar, promovendo as

aprendizagens dos mesmos, proporcionando a execução de tarefas diferentes de modo a captar uma maior atenção e interesse dos alunos.

Para além disto, manifestamo-nos cooperantes com o Núcleo de Professores de EF, com a Diretora e Conselho de Turma, e com a restante comunidade escolar. Desempenhamos um papel primordial e complementar no desenvolvimento dos projetos e parcerias educativas na Escola, referidas anteriormente.

Durante a prática pedagógica, a realização da análise e reflexão crítica, foi imprescindível para o aperfeiçoamento da prática de ensino, favorecendo a melhoria da qualidade de ensino, promovendo as aprendizagens dos alunos.

A atitude ético-profissional desempenhou um papel vital no progresso e superação das capacidades e competências do Núcleo de Estágio, engrandecendo a nossa autoformação e desenvolvimento profissional.

Todo o trabalho realizado ao longo do EP, abrangendo esta dimensão nas diferentes áreas de aprendizagem e de avaliação, sustentou o dever, a responsabilidade, o comportamento mediante o trabalho coletivo e individual, disponibilidade para a comunidade escolar, compromisso com as aprendizagens dos nossos alunos, pontualidade e assiduidade.

Em suma, acreditamos que a atitude ético-profissional foi produzida com êxito, proporcionando um desempenho pedagógico efetivo e coeso, de acordo com as exigências do EP, como individual e coletivo.

CAPITULO III – APROFUNDAMENTO DO TEMA-PROBLEMA

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA-PROBLEMA

O presente tema-problema consiste num “Estudo-Caso Comparativo das Dimensões e Categorias do *Feedback* em Aulas com Diferentes Funções Didáticas do Núcleo de Estágio de Educação Física”. Este tema escolhido resultou de uma reflexão prudente perante a prática pedagógica centrada na utilização da temática do *feedback*, que adopta um aspeto de elevada relevância na matéria de ensino dos alunos, na relação efetiva entre o Professor e os mesmos e que pode ser classificado como um dos fatores imprescindíveis em todo o processo de ensino-aprendizagem.

Define-se *feedback* como a informação facultada aos alunos para os ajudar na repetição de comportamentos motores apropriados e suprimir os comportamentos errados, de maneira a melhorar os seus resultados. No entanto, o bom resultado do *feedback* relaciona-se não só com o modo de como o aluno o interpreta mas também com a maneira que o Professor o produz.

O Estudo é formado pela observação de dez aulas da UD de Voleibol, a dois Professores do Núcleo de Estágio. Observamos cinco aulas de cada Professor, com funções didáticas diferentes de modo a averiguar as alterações das ocorrências de *feedback* relativamente à sua frequência e no que se refere às suas dimensões, objetivo, forma, direção e pertinência. Este estudo pretende contribuir para uma melhoria da prática pedagógica relativa a esta temática do *feedback*, na criação do perfil do Professor Estagiário no que concerne à sua instrução e demonstração, permitindo compreender os possíveis erros iniciais, e por conseguinte cooperar para modificações futuras na intenção de as melhorar.

2. REVISÃO DA LITERATURA

É indiscutível o papel da comunicação na orientação do processo de ensino aprendizagem, seja em que contexto se provenha. A transmissão da informação é uma das competências essenciais dos professores, sendo evidente a sua importância na aprendizagem. Como refere (Rosado & Mesquita, 2009), a instrução é um dos fatores

cruciais numa aula de Educação Física, possibilita a estruturação e modificação das situações de aprendizagem dos alunos, é imprescindível que esta seja concreta e clara. Alicerçado à instrução, surge a emissão do *feedback* pedagógico, assumindo uma extrema importância, visto que apresenta uma temática no ensino-aprendizagem capaz de influenciar o sucesso pedagógico, tornando-se fundamental para a modificação do comportamento e da prestação motora. (Rink, 1996, citado por Rosado e Mesquita, 2009) referem a importância da clareza da informação transmitida e a emissão de *feedbacks* como variáveis essenciais no sucesso das aprendizagens, respeitando a solução de compromisso entre a qualidade e a quantidade da informação fornecida.

Fishman e Anderson (1971) citado por Cardoso (1992) indicam que o *feedback* pode ser descrito como um ensino que depende da resposta motora de um ou mais alunos e que visa fornecer informação relacionada com a aquisição da prestação de uma habilidade motora. De acordo está Rink (1996) citado por Graça (2001) que diz que o *feedback* é o comportamento do professor mediante a resposta motora dos alunos, tendo como processos complementares o ensino e a aprendizagem. Também Sarmiento et al. (1998) alega que o *feedback* é um conhecimento de retorno em relação a um comportamento analisado.

Para Januário (1992), o *feedback* é entendido como um comportamento de ensino que consiste na reação verbal ou não verbal do professor mediante a prestação do aluno, com o intuito de o aprimorar, intervindo no processo de aprendizagem, e com a função de avaliar a sua prestação, de caracterizar o seu movimento, de estabelecer uma técnica ou uma componente crítica e de o questionar sobre o que fez e como o fez.

Na perspectiva de Aranha (2007) o *feedback* representa o conjunto de reações verbais e não-verbais do Professor relativamente ao desempenho motor dos alunos, relacionando com os objetivos de aprendizagem da aula considerando como objetivo específico o questionamento sobre o que realizaram e a maneira de como realizaram.

De acordo com Piéron (1996), o *feedback* procura aperfeiçoar o desempenho do aluno, sendo considerado como um dos fundamentos da competência do Professor e das suas capacidades de sucesso com os seus alunos. Refere ainda que a especificidade correta do *feedback* diferencia os Professores na sua eficácia.

Segundo o autor Rink (1996) a produção de *feedback* é um dos princípios gerais no ensino-aprendizagem nas matérias de Educação Física. Opera como uma mais-valia no desenvolvimento da prática pedagógica, contudo, se a informação prestada for em excesso poderá tornar-se desfavorável.

O *feedback* caracteriza-se pelas suas dimensões que o classificam. É diferenciado em relação ao seu objetivo, à sua forma, direção segundo os autores (Piéron, 1999; Sarmiento, Veiga, Rosado, Rodrigues, & Ferreira, 1998). Relativamente ao objetivo do *feedback*, este divide-se em quatro categorias: Avaliativo, o Professor transmite a informação qualitativamente aos alunos em relação ao produto final da prática do exercício; Interrogativo, é usado para o Professor questionar os alunos mediante a realização de determinados exercícios; Descritivo, o Professor pormenoriza a maneira de como os alunos realizaram os exercícios e o Prescritivo, o Professor transmite a informação relacionada com a realização dos exercícios ou como deveria ter sido realizada pelos alunos.

No que se refere à forma do *feedback*, classifica-se em: Visual, o Professor transmite as informações aos alunos com uma linguagem gestual, através de demonstrações; Auditiva, o Professor recorre à via oral, usando uma linguagem verbal; Quinestésico, o Professor partilha informações com os alunos, mantendo o contacto com os mesmos, auxiliando-os, na realização dos exercícios, e Misto, o Professor recorre a mais que uma das formas caracterizadas anteriormente para fornecer as informações aos alunos.

No que concerne à direção do *feedback*, caracteriza-se pelo: Individual, o Professor transmite particularmente a informação a um aluno; Grupo, as informações são dirigidas a mais de que um ou conjunto de alunos, e à Turma, as informações são fornecidas na íntegra da turma.

3. OBJECTIVO

O Objetivo principal deste estudo é caracterizar o *feedback*, produzido pelos Professores Estagiários de EF, na Unidade Didáctica de Voleibol, em aulas com funções didáticas diferentes.

3.1 Objetivo específico

Como objetivo específico deste estudo, pretendemos avaliar a qualidade e quantidade de *feedbacks* emitidos pelos Professores Estagiários caracterizando-os no que se refere às suas dimensões. Objetivo, Forma e Direção, na prática pedagógica das aulas destinadas a funções didáticas diferentes, de avaliação formativa inicial, de introdução, de exercitação, de consolidação e de avaliação sumativa da UD de Voleibol.

4. METEDOLOGIA

A metodologia deste Estudo é de carácter qualitativo e quantitativo, elaborado pelo meio da observação direta das aulas, suportada por uma ficha de observação do *feedback* pedagógico, constituída por uma grelha composta pelas ocorrências do número de *feedback* das diferentes dimensões e categorias.

4.1 Amostra

A amostra deste estudo é composta por dois Estagiários (um do sexo feminino e outro do sexo masculino) do Núcleo de Estágio de EF, Os Professores Estagiários leccionavam turmas do 8º e 12º ano de escolaridade.

4.2 Instrumentos e Procedimentos

Os Professores Estagiários foram observados em aulas de noventa minutos, individualmente, cinco aulas cada um, com funções didáticas diferentes, de avaliação formativa inicial, introdução, exercitação, consolidação e avaliação sumativa. A observação direta das aulas foi suportada por uma ficha de observação do *feedback* pedagógico, constituída por uma grelha composta pelas diferentes dimensões e categorias do *feedback*, onde se registou o número de ocorrências por aula. As ocorrências registadas foram objetivo de análise qualitativamente e quantitativamente

5. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DA DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Após a análise e interpretação dos dados recolhidos organizamos e apresentamos os mesmos, numa tabela com o número e percentagem total de *feedbacks* de cada Professor Estagiário, em cada aula, assim como as tabelas organizadas com o número e percentagem de ocorrências nas diferentes dimensões do *feedback* e caracterizadas perante as suas categorias, mediante o número e percentagem total de ocorrências em cada aula.

5.1 Apresentação do número e percentagem total de *feedbacks* emitidos pelos dois Professores Estagiários durante as aulas observadas da UD de Voleibol

Tabela 1 – Número e percentagem total de feedbacks dos Professores Estagiários em cada aula.

Função Didática	Estagiário X		Estagiário Y	
	Nº	%	Nº	%
Avaliação formativa inicial	48	16%	44	17%
Introdução	85	28%	73	28%
Exercitação	72	24%	60	23%
Consolidação	58	19%	46	19%
Avaliação Sumativa	42	13%	34	13%
Nº total / % de Feedbacks	305	100%	257	100%

A tabela 1 retrata o número e percentagem total de *feedbacks* dos Professores Estagiários emitidos aos alunos nas cinco aulas com diferentes funções didáticas. Como podemos averiguar, a percentagem de *feedbacks* emitidos pelo Estagiário X e Estagiário Y na UD de Voleibol encontram-se entre os 13% e os 28%, entre as aulas de avaliação sumativa e de introdução.

As aulas de introdução e exercitação são as que apresentam valores percentuais mais elevados. O Estagiário X apresenta na aula de introdução 28% e na aula de exercitação 24% de *feedbacks* emitidos. O Estagiário Y apresenta resultados semelhantes, 28% na aula de introdução e 23% de *feedbacks* emitidos na aula de exercitação.

5.2 Apresentação do número e percentagem total de *feedbacks* emitidos pelos dois Professores Estagiários distribuídos pelas dimensões e categorias nas aulas com diferentes funções didáticas.

5.2.1 Dimensão Objetivo

Tabela 2 – Número e percentagem total de *feedbacks* dos Professores Estagiários em cada aula na dimensão objetivo e respetivas categorias com funções didáticas diferentes.

Função Didática	Dimensão Objetivo															
	Avaliativo				Interrogativo				Descritivo				Prescritivo			
	Estagiário X		Estagiário Y		Estagiário X		Estagiário Y		Estagiário X		Estagiário Y		Estagiário X		Estagiário Y	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Avaliação formativa inicial	12	12%	10	12%	1	12%	0	0%	8	17%	10	23%	27	18%	24	19%
Introdução	22	22%	19	22%	0	0%	0	0%	14	30%	14	33%	49	32%	40	32%
Exercitação	18	18%	17	20%	3	13%	2	67%	13	28%	12	28%	38	25%	29	23%
Consolidação	24	24%	22	26%	2	25%	0	0%	7	15%	5	12%	25	16%	19	15%
Avaliação Sumativa	22	22%	18	21%	2	25%	1	33%	4	9%	2	5%	14	9%	13	10%
Nº total / % de Feedbacks	98	32%	86	33%	8	3%	3	1%	46	15%	43	17%	153	50%	125	49%

A tabela 2 representa o número e percentagem total de *feedbacks* dos Professores Estagiários, emitidos na dimensão objetivo e nas categorias, avaliativo, interrogativo, descritivo e prescritivo, durante as aulas com funções didáticas diferentes. Podemos verificar na tabela que a categoria do *feedback* prescritivo teve uma maior relevância nas aulas de avaliação formativa inicial, introdução e exercitação. No entanto, foi na aula introdutória que os Professores Estagiários emitiram uma maior percentagem de *feedbacks* prescritivos. Os dois apresentam na tabela 2 (32%) de *feedbacks* prescritivos. Os *feedbacks* prescritivos prevaleceram para ambos nas aulas introdutórias, no entanto esta categoria do *feedback* só ganha eficácia se os Professores Estagiários dominarem os conteúdos da matéria. Nas aulas de introdução da matéria, realiza-se a prática de exercícios critérios, os Professores Estagiários deram uma maior relevância a *feedbacks* prescritivos mas mereciam vantagem em elevar a sua

competência em usar os *feedbacks* interrogativos e avaliativos, pois colocar-se-iam em avaliação mediante os alunos, ou seja, ao questionarem os alunos e se estes responderem acertadamente, o *feedback* teria sido bem instruído.

5.2.2 Dimensão Forma

Tabela 3 - Número e percentagem total de *feedbacks* dos Professores Estagiários em cada aula na dimensão forma e respetivas categorias com funções didáticas diferentes.

Função Didática	Dimensão Forma															
	Visual				Auditivo				Quinestésico				Misto			
	Estagiário X		Estagiário Y		Estagiário X		Estagiário Y		Estagiário X		Estagiário Y		Estagiário X		Estagiário Y	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Avaliação formativa inicial	10	21%	9	21%	34	17%	32	18%	0	0%	0	0%	4	8%	3	7%
Introdução	14	30%	13	30%	55	27%	48	28%	0	0%	0	0%	16	30%	12	29%
Exercitação	12	26%	11	26%	46	22%	39	23%	0	0%	0	0%	14	26%	10	24%
Consolidação	10	21%	9	21%	38	19%	29	17%	0	0%	0	0%	10	19%	8	20%
Avaliação Sumativa	1	2%	1	2%	32	16%	25	14%	0	0%	0	0%	9	17%	8	20%
Nº total / % de Feedbacks	47	15%	43	17%	205	67%	173	67%	0	0%	0	0%	53	17%	41	16%

A tabela 3 representa o número e percentagem total de *feedbacks* dos Professores Estagiários, emitidos na dimensão forma e nas categorias, visual, auditivo, quinestésico e misto, durante as aulas com funções didáticas diferentes. Averiguamos que ambos os Professores Estagiários apresentam valores percentuais muito semelhantes nesta dimensão do *feedback*. Emitiram um maior número de *feedbacks* auditivos independentemente da função didática das aulas. Os Professores Estagiários requerem um maior número de *feedbacks* nesta fase de formação, por não terem ainda experiência suficiente para variar as categorias da forma do *feedback*, recorrendo na maioria das aulas aos *feedbacks* auditivos. Apesar do *feedback* visual apresentar valores semelhantes nos dois Professores Estagiários, o seu uso foi pouco frequente. O mesmo acontece com o *feedback* misto, a semelhança mantém-se, embora o número de *feedbacks* seja superior no Estagiário X.

5.2.3 Dimensão Direção

Tabela 4 – Número e percentagem total de *feedbacks* dos Professores Estagiários em cada aula na dimensão direção e respetivas categorias com funções didáticas diferentes.

Função Didática	Dimensão Direção											
	Individual				Grupo				Turma			
	Estagiário X		Estagiário Y		Estagiário X		Estagiário Y		Estagiário X		Estagiário Y	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Avaliação formativa inicial	24	14%	22	15%	20	18%	19	20%	4	17%	3	21%
Introdução	46	27%	44	30%	32	29%	27	28%	7	29%	2	14%
Exercitação	40	23%	35	24%	26	24%	21	22%	6	25%	4	29%
Consolidação	36	21%	28	19%	18	16%	15	16%	4	17%	3	21%
Avaliação Sumativa	25	15%	19	13%	14	13%	13	14%	3	13%	2	14%
Nº total / % de <i>Feedbacks</i>	171	56%	148	58%	110	36%	95	37%	24	8%	14	5%

A tabela 4 representa o número e percentagem total de *feedbacks* dos Professores Estagiários, emitidos na dimensão direção e nas categorias, individual, grupo e turma, durante as aulas com funções didáticas diferentes. Observamos nesta tabela que os valores das ocorrências de *feedbacks* das diferentes categorias da dimensão direção são semelhantes. Os *feedbacks* individuais foram emitidos na maioria pelos Professores Estagiários nas aulas de avaliação formativa inicial e de introdução, no entanto, o *feedback* emitido ao grupo também apresenta resultados substanciais. Nas aulas de consolidação e de avaliação sumativa, os *feedbacks* apresentam valores percentuais idênticos e significativos. Estes valores podem justificar-se por ser uma matéria de ensino coletiva. Ao longo da prática pedagógica da UD, os Professores Estagiários vão abdicando de exercícios critério e promovem situações de jogos formais ou reduzidas. Logo os *feedbacks* emitidos por ambos passam a ser em grupo ou na totalidade da turma.

6. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO

Mediante o número de ocorrências emitidas nas dez aulas com funções didáticas diferentes, os resultados alcançados possibilita-nos a afirmação que a prática pedagógica na temática do *feedback* dos Professores Estagiários é semelhante. Em relação à periodicidade de *feedbacks*, podemos justificar por a matéria de Voleibol ser uma matéria pouco dominada pelos Professores Estagiários.

Ambos os Professores Estagiários apresentaram valores nas aulas de exercitação e consolidação que assentam nos resultados alcançados por Quaterman (1977), Fink e Siedentop (1989) citados por Siedentop (1998), em que, por cada trinta minutos de prática são emitidos trinta a sessenta *feedbacks*. Relativamente às aulas de introdução, os Professores Estagiários emitiram *feedbacks* quantitativamente superiores. Este acontecimento justifica-se pelas necessidades e dificuldades dos alunos mediante os conteúdos programáticos desconhecidos ou até mesmo esquecidos, ou seja, praticados em anos letivos anteriores. As aulas de introdução revelaram-se para ambos os Professores Estagiários, com o maior número de ocorrências emitidas, justificando-se por ser no início da prática desportiva da matéria, onde os alunos precisam de receber mais informações de retorno em relacionadas com o seu desempenho motor.

O número de ocorrências nas aulas de avaliação formativa inicial e de avaliação sumativa dos Professores Estagiários não vai ao encontro do estudo dos autores, citado anteriormente. Foram emitidos um menor número de *feedbacks* em comparação com as aulas de introdução, exercitação e de consolidação. A diminuição do número de *feedbacks* nestas funções didáticas da aula demonstra que os Professores Estagiários estão concentrados em ambas as avaliações desconsiderando da prática a temática do *feedback*.

A quantidade de aulas observadas foi escassa, no entanto verificamos que o número de *feedbacks* emitidos diminuiu ao longo da prática da matéria de Voleibol. Estas interpretações coincidem com a afirmação de Metzler (1980) que refere que as diferenças relativamente à quantidade de *feedbacks* por aula, devem-se ao momento da Unidade Didática nas aulas, tornando-se mais reduzido nas últimas aulas, nomeadamente nas de consolidação, da Unidade Didática em prática.

A Observação das aulas, do modo que foi realizada, detalhadamente, ou seja, o registo do número de ocorrências das categorias das diferentes dimensões, proporcionamos uma interpretação mais global da prática pedagógica em relação a esta temática, todavia, para uma compreensão mais precisa seria necessário realizar-se um maior número de observações.

Na dimensão objetivo, em ambos os Professores Estagiários, nas aulas de avaliação formativa inicial, de introdução e exercitação, o *feedback* prescritivo foi o mais emitido, transmitiam *feedbacks* durante a prática dos exercícios, relacionados com a realização dos mesmos ou como deveria ter sido realizado, caso os alunos errassem na sua execução. Piéron (1983), citado por Cardoso (1992) apresentam o *feedback* prescritivo como o mais utilizado em matérias coletivas.

No entanto, as aulas de consolidação e avaliação sumativa predominaram na emissão de *feedbacks* avaliativos. Entendemos com isto, que ao longo da prática pedagógica da matéria de ensino, o objetivo do *feedback* começa a ser avaliativo deixando de ser prescritivo. Na reta final do ensino-aprendizagem de cada matéria, os alunos requerem que o Professor lhes proporcione *feedbacks* avaliativos, em relação ao produto final da prática dos exercícios, mencionando os aspectos a melhorar ou os que já alcançaram em cada exercício.

Os Professores Estagiários, no que concerne aos *feedbacks* descritivos, poucos emitiram nesta dimensão do objetivo. No entanto, os *feedbacks* interrogativos foram os menos utilizados, como podemos verificar na tabela. Os *feedbacks* interrogativos são essenciais para o questionamento do desempenho motor dos alunos, de modo a promover o sucesso das aprendizagens dos mesmos.

Na dimensão forma, os Professores Estagiários prevaleceram o *feedback* auditivo em todas as aulas, com funções didáticas diferentes. No *feedback* misto são notáveis as semelhanças nos dois Professores Estagiários. Relativamente às aulas de exercitação, consolidação e avaliação sumativa, a emissão de *feedbacks* mistos, predominaram quantitativamente na tabela, mediante os *feedbacks* visuais. Podemos constatar este facto, mediante a prática pedagógica dos Professores Estagiários, quando os *feedbacks* visuais, a transmissão de informação com recurso à linguagem gestual, através de demonstrações, se relacionam com os *feedbacks* quinestésicos, ou seja, a

partilha de informações, mantendo o contacto com os alunos, auxiliando-os na demonstração da realização dos exercícios.

Na última dimensão do *feedback*, a direção, verificamos que os Professores Estagiários nas aulas de avaliação formativa inicial e avaliação sumativa predominaram nos *feedbacks* individuais, ou seja, emitidos aos alunos, individualmente. Entendemos a frequência de *feedbacks* nesta categoria como uma particularidade do processo de ensino avaliativo, pois ambas as avaliações são efetuadas para cada aluno, individualmente.

Na aula de introdução da matéria, também verificamos que os *feedbacks* individuais tiveram uma maior relevância, sendo uma aula em que os Professores Estagiários recorrem à introdução de exercícios analíticos, prestando uma maior atenção à prática dos exercícios pelos alunos, mas individualmente. No entanto, nas aulas de exercitação e consolidação, os Professores Estagiários emitiram menos *feedbacks* individuais. A Unidade Didática de Voleibol sendo coletiva, no desenvolvimento da sua prática, os Professores Estagiários a determinada altura, prescindem dos exercícios analíticos e dão ênfase às situações de jogo formais ou reduzidas. Nestes momentos de exercitação e consolidação os Professores Estagiários deveriam emitir um maior número de *feedbacks* em grupo, para promover o desempenho e sucesso do grupo, de modo a ser compreendida por todos, concedendo a melhoria da prática dos alunos que formam esse grupo.

Sendo inquestionável a função da comunicação na orientação do processo de ensino-aprendizagem, seja em que contexto se provenha, a transmissão da informação é uma das competências essenciais dos professores, tornando-se indiscutível a sua importância no desenvolvimento e na aprendizagem de novos conteúdos programáticos. A temática do *feedback* é uma dimensão pedagógica crucial em todo o processo de ensino-aprendizagem, no entanto requer prudências na sua utilidade, de modo a garantir corretamente o seu papel na orientação de toda a prática pedagógica.

7. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Durante a realização deste estudo, a observação direta das aulas dos Professores Estagiários, o registo de ocorrências em cada aula suportada por uma função didática diferente, a interpretação e análise de toda a informação recolhida, teve as suas devidas limitações.

Retomando à observação direta das aulas, na parte do registo das ocorrências, podemos sentir dificuldades em compreender os *feedbacks* bem como classifica-los nas diferentes categorias das suas dimensões. O número reduzido de Observadores é considerado uma condicionante acrescida no registo de ocorrências, podendo falhar algum registo de exercitação de abordagem científica em pedagogia por parte dos Professores Estagiários observados. O facto de os Professores Estagiários terem conhecimento do nosso Estudo e os dias das aulas que iriam ser observados, poderia condicionar o número de *feedbacks* emitidos nessas mesmas aulas, tanto pela positiva, ou seja, haver um maior cuidado e perspicácia por parte dos Professores Estagiários, ou então pela negativa, sentirem a pressão e insegurança da observação e do estudo em causa.

Os anos de escolaridade dos Professores Estagiários serem diferentes, a observação das aulas com diferentes exercícios critério e as capacidades por parte dos alunos, também consideramos como limitações do nosso estudo. Consideramos os valores desajustados por o número de *feedbacks* emitidos na totalidade das aulas serem poucos e o número da amostra ser escasso, impedindo um estudo mais abrangente relativamente à prática da temática do *feedback* emitidos pelos Professores Estagiários.

CONCLUSÃO

O EP teve um grande impacto na última etapa académica da nossa vida universitária. Foi o primeiro contexto escolar real que vivenciamos, recheado de conhecimentos, aprendizagens que certamente nos marcou de uma forma gratificante.

É importante realizar uma reflexão global sobre o nosso desempenho ao longo da prática pedagógica, no envolvimento com toda a comunidade escolar, perspetivando o nosso futuro académico.

A nossa primeira turma, os nossos alunos. A colaboração e motivação, o entusiasmo e empenho, que permaneceram na turma e que abrilhantaram os nossos dias, as nossas aulas ao longo do ano letivo. Uma turma que nos marcou de uma forma tão especial e notável. Permitiu-nos promover o gosto pela EF, pelo aprender, aprender a ensinar, e por ensinar.

No entanto, durante o EP nem sempre tudo foi acessível. Por vezes a falta de motivação, alguma frustração e cansaço psicológico reprimia-nos de quereremos ser melhor. Estes sentimentos foram atenuando ao longo do tempo, e aí percebemos que faziam parte do processo de ensino, de aprendizagens e superação de obstáculos, para nos profissionalizarmos.

No balanço do relatório, fica o sentimento de dever cumprido. Com todas as adversidades, ações, aquisição de novos conhecimentos e conteúdos, metodologias, deixamos para trás um ano letivo repleto de aprendizagens significativas.

Já na reta final, fica o sentimento de saudade pela turma, pela escola e por todas as pessoas envolvidas no nosso processo de ensino. Estamos cientes que aproveitamos verdadeiramente este ano pedagógico, a oportunidade de termos posto em prática tudo aquilo que adquirimos ao longo dos anos anteriores de formação inicial, o privilégio de termos tido uma turma à nossa inteira responsabilidade.

Numa perspetiva futura, consciencializamo-nos que o percurso não será fácil e não sabemos quando é que voltamos a ter o gosto e a oportunidade de leccionar. No entanto, não iremos desistir e iremos à luta. Enfrentando novos desafios e etapas que apareçam nas nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Allal, Linda et al (1986). A avaliação Formativa num ensino diferenciado, Coimbra: Almedina

Aranha, A. (2007). Observação de aulas de Educação Física: Sistematização da observação – sistemas de observação e fichas de registo. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro;

Bento, J.O (1987). Planeamento e Avaliação em Educação Física. 3ª edição. Livros Horizonte, Lisboa.

Boavista, C & Sousa, O. (2013). O Diretor de turma: perfil competências. Revista Lusófona da Educação, n.º.23, pp 77-93.

Cardoso, C. (1992) Comparação das funções de feedback em professores de Educação Física com diferentes formações iniciais (Licenciados e Bacharéis). Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação;

Carreiro da Costa, F. (1984). “O que é Um Ensino Eficaz das Actividades Físicas no Meio Escolar?”. Horizonte, Vol. I, n.º1, 22-26.

Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. Boletim SPEF, n.º10/11, Verão/Outono de 1994, pp. 135-151

Cora Coralina, *in: Vintém de cobre: meias confissões de Aninha, 9. ed., São Paulo: Global, 2007.*

Decreto-Lei nº240/2001, de 30 de Agosto 2001, Diário da República, 1ª série—N.º 201.Ministério da Educação. Lisboa.

Fernandes, D. (2011). Avaliar para melhorar as aprendizagens: Análise e discussão de algumas questões essenciais. In I. Fialho & H. Salgueiro (Eds.), Turma Mais e sucesso escolar: Contributos teóricos e práticos (pp. 81-107). Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.

Freire, A.M. (2001). Concepções Orientadoras Do Processo de Aprendizagem do Ensino Nos Estágios Pedagógicos. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Acesso em: <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf>

Graça, A. (2001) Breve roteiro da investigação empírica na Pedagogia do Desporto: a investigação sobre o ensino da educação física. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Vol. 1, n.º1, 104-113;

Januário, C. (1992). O Pensamento do Professor - Relação entre as Decisões Pré-Interativas e os Comportamentos Interativos de Ensino em Educação Física. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa;

- Marques, A. (2004). O Ensino das Actividades Físicas e Desportivas. Factores Determinantes de Eficácia. *Revista Horizonte de Educação Física e Desporto*, nº111, vol. XIX, 24-27.
- Matos, Z. (1992). *Educação Física na Escola Primária. Vol II: Iniciação Desportiva*, Edições da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Piéron, M. (1996). *Formação de Professores – Aquisição de Técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Edições FMH.
- Piéron, M. (1999). *Para Una Enseñanza Eficaz de las Actividades Físico-Deportivas*. Barcelona: INDE Publicaciones;
- Piéron, M. (1988). *Didactica de las actividades Físicas y Deportivas*. Madrid: Gymnos.
- Programa Nacional de Educação Física Escola, Ensino Básico. Ministério da Educação, 2001.
- Ribeiro, L. (1999). *Tipos de Avaliação. Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora, p. 75-92.
- Ribeiro-Silva, E., Fachada, M., & Nobre, P. (2018). *Prática Pedagógica Supervisionada II_2018-2019*. Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.
- Rink, J. (1996). *Effective Instruction in Physical Education . Applying research to enhance instruction*, 171-198. Champaign, Ilínois: Human Kinetics;
- Rosado, A. Mesquita, I. (2009) *Pedagogia do Desporto: Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução*. Lisboa: Ed. FMH, 69-130;
- Sarmiento, P.; Veiga, A.; Rosado, A.; Rodrigues, J.; Ferreira, V. (1998). *Pedagogia do Desporto. Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*. Lisboa: Edições FMH.
- Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. 3rd Edition. Mayfield Publishing Company.
- Vilar, A. (1998). *O Professor Planificador*. Coleção Cadernos Pedagógicos, nº19. Porto: Edições ASA, 3^a edição.
- Villar, F. (1993). *El desarrollo del conocimiento práctico de los profesores de Educación física, através de un programa de análisis de la práctica docente. Un estudio de casos en formación inicial*. Tesis doctoral (pp. 70-73). Espanha: Granada.
- Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa: Educa

ANEXOS

Anexo 1 – Certificado de Participação na Ação de Formação – FitEscola

Anexo 2 – Plano de Aula

Anexo 3 - Ficha de Observação de Aulas

Anexo 4 – Ficha de Observação do Feedback Pedagógico

Anexo 5 – Exemplo da Grelha de Avaliação

Anexo 6 – Certificado de Formadora na Ação de Formação – Atividades Rítmicas e Expressivas

Anexo 7 - Certificado de Organizadora na Ação de Formação – Atividades Rítmicas e Expressivas

Anexo 8 – Cartaz da Acção de Formação – Atividades Rítmicas e Expressivas

Anexo 9 – Certificado de Organizadora e Dinamização – Atividade Tiro com Arco

Anexo 10 – Cartaz da Atividade – Tiro com Arco

Anexo 11 – Certificado de Formadora na VIII Oficina de Ideias em Educação Física

Anexo 12 – Certificado de Participação na VIII Oficina de Ideias em Educação Física

Anexo 13 – Certificado de Participação no 8º Fórum Internacional das Ciências da Educação Física

Anexo 14 – Certificado de Organizadora do 8º Fórum Internacional das Ciências da Educação Física

Anexo 1 – Certificado de Participação na Ação de Formação – FitEscola



CERTIFICADO

Ação de formação - Programa FITescola

Para os devidos efeitos se declara que **Daniela Salgueiro Varela** participou na **Ação de Formação – Programa FITescola**, organizada pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, que teve lugar no dia 7 de setembro de 2018. A formação teve a duração de cinco horas.

Defi

O Diretor da FCDEF-UC

[Handwritten Signature]

(Prof. Doutor António Figueiredo)



Anexo 2 – Plano de Aula

Plano Aula			
Professora:		Data:	Hora:
Ano/Turma:	Período:	Local/Espaço:	
Nº da aula:	Duração da aula:	Unidade Didática:	Nº de aula da UD:
Nº de alunos previstos:		Nº de alunos dispensados:	
Função didática:			
Recursos materiais:			
Objetivos da aula:			

Tempo		Objetivos específicos	Descrição da tarefa / Organização	Componentes Críticas Critérios de Êxito
T	P			

Fundamentação/Justificação das opções tomadas no Plano de Aula:

Anexo 3 – Ficha de Observação de Aulas

FICHA DE OBSERVAÇÃO

--

Observador:	Turma:	Duração:	№ alun. Presentes:	Unidade Didática de:
Observado:	Local:	Hora de Início:	Dispensas:	Aula:
Data:	Aula nº:	Hora do Fim:	Faltas:	De total de:

DIMENSÃO INSTRUÇÃO		CATEGORIAS			Í. Obs.	Ins.	Suf.	Bom	Muito Bom
Informação Inicial	Começa a aula no horário								
	Utiliza um método económico de verificar as presenças								
	Coloca-se de forma adequada								
	Comunica informação sem consumir tempo de aula								
	Utiliza o questionamento								
Condução da Aula	Relaciona o trabalho da aula com as aulas anteriores								
	Coloca-se de forma adequada								
	Utiliza períodos curtos de instrução								
	Clarifica os comportamentos visados								
	Estrutura ordenadamente a mensagem								
	Varia os métodos de intervenção (demonstração, questionamento)								
Utiliza meios auxiliares que facilitam a instrução									
Certifica-se da compreensão da mensagem									
Realiza a extensão / integração da matéria									

DIMENSÃO INSTRUÇÃO	CATEGORIAS	M.Obs.	Ins.	Suf.	Bom	Muito Bom
Qualidade do Feedback	Compreensível					
	Pertinente					
	Utiliza o maior número de FB positivos, descritivos, prescritivos e de reforço					
	Utiliza FB frequentemente					
	Distribui equitativamente os FB entre os diferentes alunos					
	Verifica se o FB teve o efeito pretendido					
	Aula termina de forma progressiva					
Conclusão da Aula	Existe revisão e/ou extensão da matéria abordada					
	Arrumação do material					
Comunicação	Cria um clima de credibilidade quando comunica					
	Comunica através de uma abordagem positiva					
	Envia mensagens ricas em informação					
	Sabe ouvir					
	Utiliza também a comunicação não-verbal					
	Utiliza linguagem compreensível adequada					
	É audível					
Plano de Aula	Decisões de ajustamento na aula					
	Cumprido					
	Objetivos definidos de forma clara e coerente					
	Correta progressão da intensidade e complexidade das situações de aprendizagem					
	Coerência na estrutura do plano de aula					
	Propõe situações de atividades lúdicas/competitivas adequadas ao nível dos alunos					
	Propõe situações de atividades lúdicas/competitivas adequadas aos objetivos da aula.					

Anexo 4 – Ficha de Observação do Feedback Pedagógico

Ficha de observação do Feedback Pedagógico (FB)

Instruções: apenas se consideram as correções que incidem no desempenho técnico-tático dos alunos; na coluna ocorrência regista-se o FB fornecido; para cada um destes FB faz-se a sua caracterização segundo as dimensões/categorias indicadas no quadro (com x).

Observador: _____ Observado: _____ Data: _____

Ocorrência ↓	Objetivo (pode pertencer a + de 1)				Forma				Direção			Pertinência
	Avaiat.	Interrog.	Descrit.	Prescrit.	Visual	Audit.	Quinest.	Misto	Indiv.	Grupo	Turma	+ ou -?

Anexo 5 – Exemplo da Grelha de Avaliação

Grelha de Avaliação Sumativa - Unidade Didática de Voleibol		Ano Letivo																
Professora Estagiária:																		
Nº e Nomes dos Alunos	ELEMENTOS TÉCNICOS							VOLEIBOL										
	Serviço curto	Serviço comprido	Passe (Avançado) c/ deslocamentos	Passe (Introdutório) C/apoio da cadeira	Manchete (Avançado) lançar do meio do campo	Manchete Introdutório c/apoio da cadeira	SITUAÇÃO DE JOGO 4X4			SITUAÇÃO DE JOGO 2X2								
							Manchete	Deslocamentos	Serviço	Passe	Manchete	Deslocamentos	Serviço					

Parâmetros técnicos (por níveis):
1- Não executar; 2- Executa com dificuldade; 3- Executa satisfatoriamente; 4- Executa com alguma facilidade; 5- Executa corretamente

Anexo 6 – Certificado de Formadora na Ação de Formação – Atividades Rítmicas e Expressivas



Anexo 7 - Certificado de Organizadora na Ação de Formação – Atividades Rítmicas e Expressivas





ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JOAQUIM DE CARVALHO
FIGUEIRA DA FOZ

ATIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS

7 DE MAIO

PROGRAMA

14H30 - ANÁLISE E COMPREENSÃO MUSICAL ;

14H45 - TREINO FUNCIONAL;

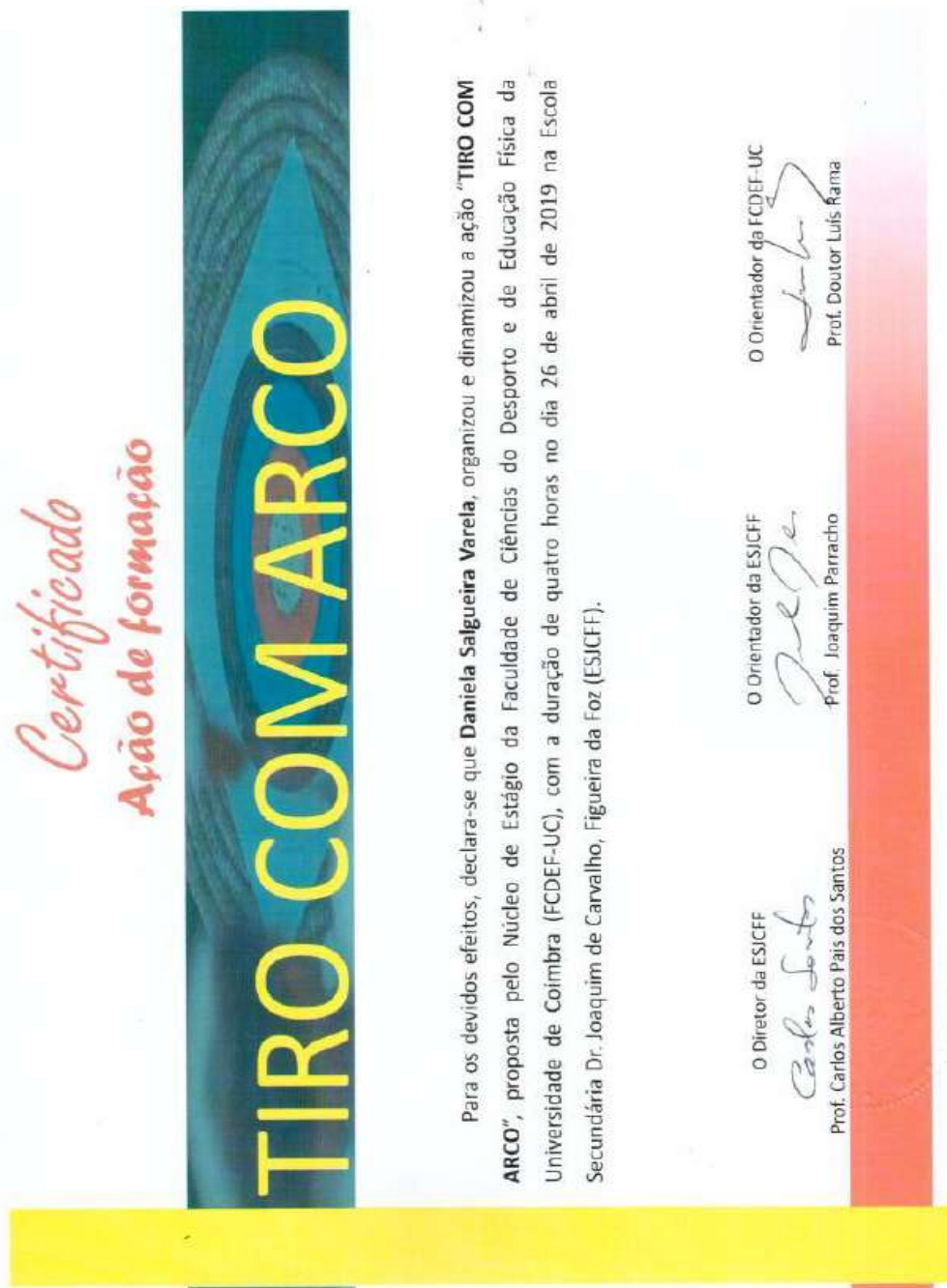
15H00 - STEP;

15H30 - DANÇAS TRADICIONAIS PORTUGUESAS E EUROPEIAS;

15H55 - RELAXAMENTO;

apoio:

Santa Casa da Misericórdia de Montemor-O-Velho



Anexo 10 – Cartaz da Atividade – Tiro com Arco



Anexo 11 – Certificado de Formadora na VIII Oficina de Ideias em Educação Física


UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA


Avelar Brotero
ESCOLA SECUNDÁRIA AVELAR BROTERO

CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO

VIII Oficina de Ideias em Educação Física

Certifica-se que DANIELA SALGUEIRO VARELA foi preleitora neste evento, realizado pelo Núcleo de Estágio Pedagógico em Educação Física da Escola Secundária Avelar Brotero, no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob o tema "*A Progressão do Ensino em Educação Física – Uma espiral ascendente dos conteúdos*".

O Diretor do Núcleo de Educação Física da

(Prof. Luís Salgueiro)

O Diretor da ESAB

(Eng.º Manuel Esteves da Fonseca)

Coimbra, 03 de abril de 2019



Anexo 12 – Certificado de Participação na VIII Oficina de Ideias em Educação Física



CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

VIII Oficina de Ideias em Educação Física

Certifica-se que DANIÉLA SALGUEIRO VARELA esteve presente neste evento, realizado pelo Núcleo de Estágio Pedagógico em Educação Física da Escola Secundária Avelar de Brotero, no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob o tema “A Progressão do Ensino em Educação Física – Uma espiral ascendente dos conteúdos”.

O Diretor da  O Diretor da 

(Prof. Doutor António Figueiredo) (Eng.º Manuel Esteves da Fonseca)

Coimbra, 03 de abril de 2019 

Anexo 13 – Certificado de Participação no 8º Fórum Internacional das Ciências da Educação Física



Anexo 14 – Certificado de Organizadora do 8º Fórum Internacional das Ciências da Educação Física

